

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE:
Uma possibilidade teórica

Nara Maria Dantas

Recife – PE
2002

NARA MARIA DANTAS

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE:

Uma possibilidade teórica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profª Drª Maria Cícilia Ribas

Recife – PE
2002

NARA MARIA DANTAS

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE:

Uma possibilidade teórica

Recife, 19 de julho de 2002

Banca Examinadora

Prof^o Dr. Luis F. G. de Andrade - UFPB

Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz - UNICAP

Prof^a Dr^a Maria Cíçlia Ribas (Orientadora) - UNICAP

*À minha sobrinha Gabriela
tão distante e tão perto...*

AGRADECIMENTOS

O resultado de uma Dissertação é decorrente de uma pesquisa que demanda tempo para a sua realização. Dessa forma, estamos todos sujeitos a percalços que podem acontecer ao longo dessa jornada. Portanto, é hora de agradecer.

Agradecer a todos os amigos que se solidarizaram conosco e, em especial, aos que nos prestaram uma ajuda imprescindível – refiro-me, principalmente, a Amoedo – durante e após um momento difícil ocorrido num determinado período do Mestrado, ressaltando a disponibilidade e o carinho com que Jacqueline nos recebeu quando do nosso retorno a Recife.

Queremos, também, agradecer a minha família pelo apoio recebido. Aproveitamos a oportunidade para dizer nosso muito obrigada aos amigos que nos acolheram nos períodos em que precisamos permanecer em Recife.

Um trabalho de pesquisa é solitário porque se trata de um percurso que traz uma marca própria. Ao mesmo tempo, só é possível elaborá-lo com a ajuda de pessoas. Queremos agradecer a todas as pessoas que se dispuseram a ler o trabalho e contribuíram com críticas e sugestões.

Agradecemos a Cicília Ribas que nos despertou o interesse pelo tema da Dissertação, fornecendo grande parte do material para a elaboração desta pesquisa e pelo incentivo dado em muitos dos momentos difíceis; aos professores e colegas que nos ajudaram com críticas, opiniões e sugestões de leituras, mais especificamente, a Edilene Queiroz e Tereza Dubeaux.

Nosso agradecimento especial a Aurélio, que acompanhou, desde o início, todo o processo de execução da pesquisa até sua finalização, proporcionando-nos um espaço de inquietação mobilizadora e produtiva. Obrigada também pelas pontuações e sugestões feitas ao trabalho.

Somos sempre muito grata a Luís Andrade (com quem estamos constantemente aprendendo) pelo conhecimento, simplicidade, clareza de argumentação e atenção dispensada ao nosso trabalho, colaborando com suas valiosas observações.

A Ceíça Almeida, a quem admiro e respeito, pela capacidade e abertura a diferentes campos do saber; obrigada pelas sugestões dadas ao trabalho, contribuindo com sua experiência acadêmica.

Agradecemos a Caré pela valiosa ajuda na tradução do resumo para o inglês e a Maria Antônia Alonso de Andrade pela tradução do resumo para o espanhol.

Gostaríamos de agradecer, também à amiga e companheira de formação Silvia Amoedo, que se dispôs a nos ajudar na compreensão de alguns textos; a Andréia Clara que pôs à nossa disposição material de sua pesquisa sobre o mesmo tema, bem como, deu-nos sugestões.

Enfim, agradecemos a todos que puseram à nossa disposição textos, livros, monografias, e aos que nos ouviram, em muitas de nossas tentativas de elaboração, em particular, o amigo Jôsfam Macedo.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
RESUMEN	8
INTRODUÇÃO	10
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A ADOLESCÊNCIA	17
2. UM RETORNO AO ÉDIPO	20
2.1. O Édipo em Freud: antecedentes, descoberta e evolução	21
2.2. O Édipo em Lacan	28
3. POR UMA TEORIA PSICANALÍTICA DA ADOLESCÊNCIA	32
3.1. A Adolescência e o <i>a posteriori</i>	39
3.2. Tempo de <i>re-significação</i>	42
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	51

RESUMO

Temos verificado, desde algum tempo, um crescente número de estudos voltados para a adolescência. Há quem classifique a modernidade como um tempo adolescente, cujo modelo de referência é a adolescência. Observamos que muitos dos comportamentos apresentados por alguns adultos são imitações dos encontrados nos adolescentes. Com a falência da função paterna, o processo adolescente tem se alongado através dos tempos, bem como, temos visto novas formas de manifestações sintomáticas características dessa idade. Com a descoberta do complexo de Édipo, a adolescência perde a importância que tivera no início da construção da psicanálise. Vemos ela reaparecer nos “Três Ensaio” (1905) como última etapa da sexualidade e é eleita, por Freud, como lugar de uma das mais difíceis e dolorosas tarefas que se deve empreender, ou seja, o desligamento das figuras parentais. Nosso objetivo nesse trabalho é eleger a adolescência como tempo de *re*-significação edípica, resgatando-a da obra freudiana, transformando-a num conceito operante, a partir das contribuições trazidas por Lacan à psicanálise, para oferecer-lhes um estatuto metapsicológico. Essa construção teórica possibilitará dar um lugar de destaque à adolescência na psicanálise, visto que não podemos negar sua existência nos fenômenos contemporâneos.

PALAVRAS CHAVES: Adolescência

Édipo

Revivescência

Re-significação

A posteriori

ABSTRACT

It has been verified in literature a growing number of studies concerning adolescence. One may classify modernity as an adolescent time whose model is adolescence. It has been observed that a great number of the behaviors presented by some adults are actually imitations of those found in adolescents. With the failure of the parental function, the adolescence process has been lengthened throughout the times and also new forms of symptomatic manifestations characteristic of this period have been observed. With the discovery of the oedipus complex, adolescence loses the importance it has had at the beginning of the psychoanalysis construction. It reappears at “Three Essays on the Theory of Sexuality” (1905) as the last stage of sexuality and it is assigned by Freud to be the place where one of the hardest and most painful tasks are to be endured: the detachment from the parental figures. In the present work adolescence is chosen as an oedipal re-signification time, recovering from freudian works and transforming it in an operant concept considering Lacan’s contributions to psychoanalysis, with the purpose of offering a metapsychological statute. This theoretical construction will make possible to give emphasis to adolescence in psychoanalysis given that we cannot deny its existence is contemporary phenomena.

KEYWORDS: Adolescence

Oedipus

Revival

Re-signification

A posteriori

RESUMEN

Hemos comprobado, hace algún tiempo, un creciente número de estudios sobre la adolescencia. Hay quien clasifique la modernidad como un tiempo adolescente, cuyo modelo de referencia es la adolescencia. Observamos que muchos comportamientos de algunos adultos son imitaciones de los comportamientos adolescentes. Con la quiebra de la función paterna, el proceso de la adolescencia o se prolongó o, como hemos comprobado, aparecen nuevas formas de manifestaciones sintomáticas características de esa edad. Con el descubrimiento del complejo de Edipo, la adolescencia pierde la importancia que tuvo en los primordios de la construcción de la psicoanálisis. La vemos reaparecer en los “Tres Ensayos” (1905) como última etapa de la sexualidad y es escogida por Freud como lugar de una de las más difíciles y dolorosas tareas que se debe emprender, o sea, el desligamiento de las figuras parentales. Nuestro objetivo en este trabajo es escoger la adolescencia como tiempo de resignificación edípica, rescatándola de la obra freudiana, transformándola en un concepto operante, a partir de las contribuciones de Lacan a la psicoanálisis, para ofrecerle un estatuto metapsicológico. Esa construcción teórica posibilitará dar un lugar de destaque a la adolescencia en la psicoanálisis, ya que no podemos negar su existencia en los fenómenos contemporáneos.

PALABRAS LLAVE: adolescencia

Edipo

reviviscencia

resignificación

a posteriori

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo estudo da adolescência surgiu em decorrência da observação, no cotidiano, do comportamento adolescente que alguns adultos manifestam através, por exemplo, da maneira de se vestir, de falar, etc., muitas vezes tomando como modelo os próprios filhos adolescentes, e da constatação do crescente número de estudos voltados para esse momento da vida.

Há quem classifique a modernidade como um tempo adolescente, ou seja, um tempo cujo modelo de referência é a adolescência. Calligaris (2000) diz que até a primeira metade dos anos 60, o ideal da maioria dos adolescentes era a vida adulta. “Estes procuravam não só parecer adultos, mas se aventurar em qualidades de experiências adultas.” (CALLIGARIS, 2000, p. 71). Para o autor, o desejo de tornar-se adulto ainda permanece, porém não é mais dado pelos pais.

Entre pais e filhos, há uma espécie de inversão de valores, no sentido de os pais tomarem seus filhos, por vezes, como modelos, em muitas atitudes e comportamentos. A expressão “Sua Majestade o Bebê” usada por Freud (1977, v. 14, p. 108) para falar do narcisismo da criança bem poderia ser reescrita nos termos “Sua Majestade o Adolescente”, para falar de um sintoma do mundo contemporâneo. Na esfera social, Calligaris (2000) diz que estamos vivendo numa era em que o ideal social passou a ser o da adolescência.

No mundo em que o avanço tecnológico e as informações se dão rapidamente, os adolescentes, em diversos setores, encontram-se bem à frente dos pais e isso ajuda no sentido de reforçar esse ideal. Um campo onde eles se mostram bem habilidosos e se sobressaem com desenvoltura é o da informática. Um exemplo mais extremado e grave de mau uso desse conhecimento “de ponta” é o dos famosos *hackers* (na sua maioria adolescentes), que invadem endereços de instituições para destruírem dados ou obterem acesso a senhas que lhes tragam informações para outros fins (obter vantagens às custas do outro). Esse exemplo é apenas para mostrar como eles acompanham os avanços da ciência, mesmo, como nesse caso, utilizando-se de atos transgressores.

No nosso cotidiano, encontramos pais que se espelham nos filhos supervalorizando alguns comportamentos destes e chegando até a imitá-los na maneira de falar, de se vestir e em outras tantas atitudes.

De uns tempos para cá, temos visto e ouvido, freqüentemente, adolescentes falarem de uma nova forma de se relacionar. A regra passou a ser que não se deve mais namorar, e

sim, “ficar”. É interessante como tais mudanças são apoiadas pelos pais que incentivam este tipo de atitude, o que nos leva a questionar até que ponto o “ficar” não seria para eles: “fique conosco”. Para Calligaris (2000), talvez os pais também estejam querendo realizar, através dos filhos, este sonho. Alguns pais, ao se separarem dos(as) seus(suas) companheiros(as), escolhem como projeto de vida afetiva relacionarem-se exclusivamente dessa forma descompromissada. Calligaris (2000, p. 68-69) diz que,

A imagem da infância, deleita-nos porque nos consola e contém uma promessa. A imagem da adolescência feliz propõe-nos um espelho para contemplar a satisfação de nossos ávidos desejos se, por acaso algum milagre, pudéssemos deixar de lado os deveres e as obrigações básicas que nos constroem. A infância é, nesse sentido, um ideal comparativo. Os adultos podem desejar ser ou vir a ser felizes, inocentes, despreocupados como crianças. Mas, normalmente, não gostariam de voltar a ser criança. Como a adolescência toma hoje o lugar da infância no ideário ocidental, a coisa muda. O adolescente não é só um ideal comparativo como no caso das crianças. É um ideal possivelmente identificatório. Os adultos podem querer ser adolescentes.

Os adolescentes já têm corpos, vontades e prazeres muito próximos daqueles vivenciados pelos adultos. Eles são adultos de férias, sem lei. Sabemos, no entanto, que nem tudo são flores, nesse universo de descobertas. A adolescência é também tempo de conflito e luto.

Com a diminuição da distância entre uma geração e outra – que já foi mais demarcada quando a autoridade do pai na família era mais exercida – os choques entre as gerações são menos observáveis na nossa sociedade. Todos concordam que estamos vivendo um tempo em que impera uma falência da função paterna nos diversos níveis sociais. Mas, seja como for, ainda está em voga o que Freud considerou como a grande tarefa da adolescência, ou seja, o desligamento da autoridade dos pais, tão importante para o progresso da cultura, gerando uma tensão entre diferentes gerações.

Não podemos negligenciar a presença de outros fatores que pressionam o adolescente para que assuma uma posição no cenário social, além de ter que dar conta de sua sexualidade e do reconhecimento de seu lugar frente às diferentes gerações. Estamos referindo-nos à escolha profissional. Se pensarmos bem, é uma escolha que se efetiva muito precocemente na vida. Cada vez mais há uma urgência maior de que o futuro profissional entre no mercado de trabalho mais cedo, pela dificuldade de inserção num mercado já saturado. É um tempo repleto de cobranças sociais, num momento de declínio das identificações parentais. Nossa sociedade não dispõe de dispositivos eficazes para fazer essa passagem e falamos de crise da adolescência. O adolescente vê-se dentro desse caldo social e vai ter que se reinscrever nesse novo cenário: *O que faço com este corpo? Sou homem ou mulher? O que esperam de mim?*

Na opinião de Braconnier (apud ALBERTI, 1999, p. 23), falar de crise da adolescência é uma tautologia. “O termo crise já compreende, por si só, uma maturação, ou uma perturbação momentânea dos mecanismos de regulação.” A adolescência caracteriza-se por quebras dos ideais infantis, do corpo infantil, do amor dos pais; luto do que não pode ser mais sustentado como verdade. Daí a importância dos grupos de jovens, os quais acolhem os adolescentes através do reconhecimento mútuo daquilo que estão vivendo.

Diante dessa falência paterna, Kehl (2000a, p. 31) propõe, como alternativa de ajuda na estruturação psíquica do sujeito, uma função fraterna que teria “caráter necessário, não contingente, da participação do semelhante no processo de tornar-se sujeito, para os humanos.” Essas identificações horizontais não substituiriam a identificação vertical fundadora que é feita com o pai. Apenas fazem uma suplência eficaz face a ela. “É na circulação horizontal que se cria a possibilidade, para os sujeitos, de desenvolvimento de traços identificatórios secundários essenciais para permitir a diversificação das escolhas de destino.” (KEHL, 2000a, p. 43)

A função fraterna proposta pela autora é diferenciada daquela luta fratricida à qual Freud se refere, em “Totem e tabu” (1913-1914), ocasionando o assassinato do pai da horda. Ela nos remete a outros momentos em que Freud atribui funções importantes ao irmão, como, por exemplo,

na precipitação da angústia de castração, objeto da descoberta da diferença sexual na infância; ou como irrupção inesperada, que remete ao conflito edípico mal recalcado e reedita, na adolescência, tal como exemplificado no caso da “jovem homossexual”. Neste caso, o irmão mais velho funcionou ao mesmo tempo como objeto de desejo e de identificação, proporcionando uma saída para o aprisionamento da moça no triângulo edípico. (KEHL, 2000a, p. 36)

A autora lembra ainda a importância dada por Lacan ao complexo de intrusão como aspecto determinante da rivalidade entre irmãos. “O irmão funciona, para o pequeno sujeito humano, como um duplo que vem ameaçar e desestabilizar a identidade imaginária da criança em relação à sua imagem no espelho.” (Lacan, 1987, p. 36). Ele enfatiza a importância do ciúme na gênese da sociabilidade. Diz Lacan (1987, p. 35):

a observação experimental da criança e as investigações psicanalíticas, demonstrando a estrutura do ciúme infantil, trouxeram à luz do dia o seu papel na gênese da sociabilidade e, simultaneamente, do próprio conhecimento enquanto

humano. Digamos que o ponto crítico revelado por estas pesquisas é que o ciúme, no seu fundo, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental.

Para Kehl (2000b), a adolescência é o período, por excelência, das grandes formações fraternas. “O grupo funciona, para o adolescente, como garantia de reconhecimento dos traços identificatórios, dos quais o sujeito que sai da infância não se sente assegurado, e como campo de novas identificações exogâmicas.” Ela também enfatiza que transgressões efetuadas pela fratria, testando a verdade da palavra do pai,

não devem ser confundidas com perversão, nem com o apelo à intervenção paterna típica das “delinqüências por sentimento de culpa”. Antes, devem ser interpretadas como moções de liberdade legitimadas pelo grupo, que possibilitam o enfraquecimento do poder de verdade absoluta que a palavra paterna tem na infância. Um grupo, ao se autorizar numa experiência marginal, força o seu reconhecimento e sua inscrição na cultura à que pertence e está contribuindo para a contínua re-escritura do pacto civilizatório, que só tem vigência e legitimidade enquanto reconhecido pela maioria. (KEHL, 2000b, p. 41). Ela exemplifica com o grupo dos homossexuais.

O grupo de jovens dessa idade pode ajudar nesse processo de desidealização das figuras parentais, ao mesmo tempo em que pode vir a dar suporte a essa nova realidade, que se desfigura para o adolescente a partir do próprio corpo.

Ariès (1981), em sua obra *História Social da Criança e da Família*, elaborou um estudo sobre a história social da criança e considerou a modernidade como o despertar do interesse pela adolescência. Considera a juventude a idade privilegiada do século XVII, a infância a do século XIX e a adolescência a do século XX. Tal correlação se dá na medida em que essas fases da vida ganharam uma atenção mais especial pela cultura ocidental. Na Idade Média, a juventude era relacionada à plenitude das forças e equivalia ao que conhecemos hoje por maturidade. Quanto à adolescência, ainda não era diferenciada da infância; “[...] subsistia a ambigüidade entre infância e adolescência de um lado, e aquela categoria à que se dava o nome de juventude, do outro.” (ARIÈS, 1981, p. 48). Embora o autor aponte o século XX como o representante da era da adolescência, afirma que desde o século XVIII se começa a sentir o aparecimento da idéia de adolescência como se define em seguida.

Alberti (1999) proclama que não é mais possível à psicanálise ignorar a existência da adolescência. Complementa que, “Localizá-la, implica reconhecer um lugar na história (recente) do saber ocidental, como dizia Foucault, nas formas jurídicas e no mapeamento panóptico da medicina e da pedagogia, com tudo o que isso implica de vigilância e poder disciplinar.” (ALBERTI, 1999, p. 46). Considera a autora que a adolescência já está figurada

na cultura, na arte e na ciência, a partir do século XVIII. Identifica o movimento “Sturm und Drang” (Tempestade e Pressão) – caracterizado pela reação jovem contra o Iluminismo que imperava na Alemanha como

[...] uma das bases que lançam a questão do adolescente, permitindo que, em torno dela, a ciência, anos depois, criasse conceitos. Esses conceitos vão desde a fragilidade egóica até a genitalização da sexualidade, passando por todo tipo de depressões e pela tendência a agir. A ciência, dessa forma, procura inscrever o fenômeno da adolescência em um texto compreensível. A psicanálise, porém, se distingue desse movimento em sua abordagem, pois não é para “explicar” a adolescência que ela a estuda, mas sim para tentar dar conta dos fatores que levam o sujeito a se “identificar” com a adolescência. (ALBERTI, 1999, p. 48)

Trata-se, portanto, de um tema que tem uma teorização bem definida em diversas áreas, como na fisiologia, na antropologia e, até mesmo, na psicologia, que apesar de se utilizar de parâmetros que definem a adolescência para outras ciências, reconhece esse momento como uma fase distinta da infância e da idade adulta, cumprindo uma etapa do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Mas, como podemos pensá-la pelo viés da psicanálise?

Não existe, em Freud, um estudo voltado para essa fase da vida. No entanto, antes da queda da teoria da sedução, encontramos em sua obra citações com referência à adolescência equiparando-a ao fenômeno da histeria: “todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria.” (FREUD, 1977b, v. 1, p. 469). Antes da descoberta da sexualidade infantil, Freud (1977, v. 2, p. 301) reconhecia que a puberdade poderia causar problemas para o adolescente: “é tão freqüente vermos adolescentes anteriormente sadios, embora excitáveis, adoecerem de histeria durante a puberdade, que devemos perguntar a nós mesmos se esse processo não poderia criar uma predisposição para a histeria quando ela não está inatamente presente.”

Era um momento em que ele pensava que a sexualidade despontava na puberdade. Com a descoberta da sexualidade infantil, a puberdade perdeu o destaque que tivera. Ela ainda aparece, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”(1905), como última etapa da sexualidade. Freud chega a dizer que a tarefa mais difícil desse momento é o desligamento das figuras parentais, mas não menciona como a revivescência do Édipo poderia trazer problemas para a adolescência.

Este trabalho se propõe a fazer uma leitura da adolescência utilizando os conceitos elaborados por Freud, somados às contribuições trazidas por Lacan, bem como por autores que se dedicam a essa fase, com o objetivo de fazê-la trabalhar enquanto possibilidade teórica, oferecendo-lhe um estatuto metapsicológico. Nosso intuito é resgatar a puberdade, que foi

deixada para trás na obra freudiana, por ocasião da queda da teoria da sedução, e articulá-la ao mecanismo do *a posteriori*, para mostrar que ela pode servir de modelo, juntamente com a infância, para a constituição do funcionamento do psiquismo. Ou seja, a adolescência, como segundo tempo do trauma, pode tanto propiciar a repetição como a elaboração deste.

Jeammet (apud ALBERTI, 1999, p. 25) diz que:

a adolescência tem uma potencialidade traumática, no sentido freudiano do termo, que diz respeito à possibilidade de o eu ver seus processos de elaboração e de organização saturados pela tarefa a realizar. A latência tem como efeito o estabelecimento de um eu que permite um domínio. Em contrapartida, esse eu na adolescência se encontra em posição de passividade com relação às mudanças que o sujeito experimenta. A adolescência funciona como um formidável processo de desintração e de risco de ruptura no sentimento de continuidade de si. Distância entre a representação de si criança e a necessidade de integrar um novo corpo sexuado, que conduz ao luto da onipotência bissexual e à obrigação de alcançar suas escolhas identificatórias.

Para nós, tal modelo de funcionamento não se restringe às idades referidas, podendo estar presente em qualquer momento, porque integra sempre passado, presente e futuro, resultando numa produção de sentido. Elegemos a adolescência para compor este modelo por se tratar de um momento importante, em que o Édipo reaparece sob um corpo transformado e em que o desejo deverá tomar um novo destino, para além do seio familiar. Trata-se da semente de uma história que começou bem antes, mas que deverá ser reescrita em nome próprio.

Dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, expomos nossa proposta de viabilização da adolescência como uma possibilidade teórica na psicanálise. Depois da queda da teoria da sedução, a adolescência perdeu a importância que tivera na teoria e na clínica, no que diz respeito a um tempo susceptível a manifestações patológicas, em função da descoberta da sexualidade infantil. Mostramos como podemos resgatar a adolescência, na obra freudiana, ressitando-a como lugar de manifestações que podem ir desde as criativas até as patológicas.

No segundo capítulo, fazemos uma rápida retrospectiva histórica desde a teoria da sedução momento em que era atribuído à adolescência o surgimento das neuroses passando pela descoberta da fantasia e toda a elaboração conceitual do complexo de Édipo em que a infância passou a ser protagonista até chegarmos aos avanços feitos por Lacan, que, ao introduzir as categorias do real, do imaginário e do simbólico, marcou uma diferença fundamental entre castração, privação e frustração na relação do sujeito com o objeto.

Procuramos, com essa revisão histórica, acompanhar a construção do conceito sobre o Édipo desde a infância, chegando, então, à adolescência.

O terceiro capítulo é dedicado à adolescência como proposta de possibilidade teórica. Escolhemos trazer o pensamento de Jean-Jacques Rassial que nos apresenta uma teorização sobre a adolescência. Ela é trabalhada como um conceito operante, exercendo força sobre o que o destino marcou pelo Édipo num primeiro tempo. Essa concepção vem corroborar a nossa leitura da adolescência como um tempo de *re-significação* edípica. Da mesma forma que o autor, nós também concebemos a adolescência como um tempo mais lógico do que cronológico. No entanto, ele constrói sua teoria utilizando as categorias do simbólico, imaginário e real propostas por Lacan. De nossa parte, apenas articulamos a adolescência com o mecanismo do *a posteriori*, dando-lhe um cunho metapsicológico. É interessante apontar que Rassial trabalha com casos considerados limítrofes, ou seja, casos em que há mais de uma hipótese de estruturação psíquica levantadas.

Ainda, no terceiro capítulo, expomos nossa leitura sobre a adolescência. Inspirada pelo pensamento de Kancyper (1985), que considera a adolescência o momento privilegiado da *re-significação* retroativa, articulamos o mecanismo do *a posteriori* com a revivescência edípica, procurando mostrar que a adolescência pode ser o momento de repetição do que se passou num primeiro tempo de inscrição edípica, como também, de *re-significação*. Dessa forma, apresentamos uma visão da adolescência mais próxima de uma concepção psicanalítica, uma vez que não se trata de um processo linear de desenvolvimento, mas de uma ruptura em que “o futuro muda de sentido, o passado de valor e o presente de qualidade.” (RASSIAL, 1999, p. 211)

Reservamos a conclusão para articularmos os pontos levantados pelos capítulos anteriores mostrando a complementaridade existente entre eles e reforçando o que foi nosso propósito: pensar a adolescência como possibilidade teórica na psicanálise.

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A ADOLESCÊNCIA

*E u vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára*

Cazuza

Um estudo psicanalítico sobre a adolescência requer algumas considerações. Antes de tudo porque, para a psicanálise, é o inconsciente, constituído na infância, através da vivência edípica, que se revela o cerne do psiquismo. Tudo se dá nesse momento e o que vem depois nada mais é do que revivescências, repetições desse originário. Dentro dessa perspectiva do psíquico, não caberia falar – como usualmente fazemos, em consonância com a psicologia – em etapas de vida que se diferenciam por critérios biológicos. Foi importante para a psicanálise separar-se da biologia e da psicologia, definindo o seu campo epistemológico, com objeto próprio (o inconsciente), a ser estudado sem a recorrência a outras áreas do saber.

Prosseguindo nessa mesma linha de raciocínio, pensamos que a adolescência pode ganhar um estatuto metapsicológico se, ao invés de ser tomada como a última etapa do desenvolvimento da sexualidade (tal como foi descrita nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), a tomarmos a partir do modelo exposto no “Projeto”(1895), ou seja, como segundo tempo do trauma, tempo de *re*-significação do primeiro momento. Dessa forma, a adolescência ficará mais próxima da concepção psicanalítica da temporalidade psíquica, retirando a idéia de determinismo linear do passado sobre o presente, em função de uma visão mais dinâmica dos processos inconscientes. Na carta 52, Freud (1977c, v. 1, p. 317) diz que “o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição”. O advento da puberdade, ocorrido após o período de latência, situa a adolescência num desses momentos de rearranjos dos traços de memória, oferecendo uma visão mais fluida do passado.

Há diversas leituras da adolescência dentro da psicanálise. Autores da escola inglesa, por exemplo, concebem-na numa perspectiva mais desenvolvimentista, cumprindo a última etapa da sexualidade, tal como Freud descreve nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Para alguns deles, a crise da adolescência é vista como um desvio do curso normal do desenvolvimento. As diferentes formas de perceber a questão refletem diretamente no diagnóstico do caso, o que pode levar a resultados desastrosos no processo terapêutico. Para esses autores, portanto, a genitalidade é a grande questão da adolescência, o que significa

dizer que o adolescente vai finalmente ao encontro da sua sexualidade, ou seja, que a *anatomia é o destino* da pulsão.

Nossa leitura da adolescência vem no sentido de pô-la em questão, como tempo de revivescência e de *re-significação* edípica. Que caminho poderia nos levar até nosso objetivo? Articulando-a com o mecanismo do *a posteriori*. Neste sentido, o mecanismo do *a posteriori* sendo o modelo, por princípio, do funcionamento psíquico, é constituído de um primeiro tempo, em que ocorre a estruturação psíquica do sujeito através do Édipo, intercalado pelo período de latência e seguido pela adolescência, que tem função de segundo tempo, tempo de revivescência e de *re-significação* edípica. Daí, tanto pode ser lugar de pura repetição, ou seja, de manifestações patológicas, como lugar de elaboração e abertura, permitindo que o sujeito possa historiar seu passado. A história, portanto, não é somente passado; trata-se de um trabalho de construção, como aponta Lacan (1986, p. 21) quando diz que “a história não é o passado. A história é o passado na medida em que é historiado no presente – historiado no presente porque vivido no passado”

A adolescência é o momento de deixar para trás a criança idealizada pelos pais. É tempo de desinvestimentos e reinvestimentos, de busca de uma identidade sexual. Não é à-toa que a “crise da adolescência” costuma ser motivo de preocupação. Por outro lado, não poderíamos reencontrar esses conflitos e esse modo de funcionamento também na vida adulta? Não é isso que se encontra permeando as relações? Muitas crises acompanharão o sujeito ao longo da vida. Para a psicanálise, diferentemente da psicologia, não faz sentido falar-se de fases da vida, que começam na infância e terminam na idade adulta. O infantil está presente no adulto. Daí perguntarmos se, no adulto, além do que é dado pelo infantil e que o estrutura, também não comportaria um funcionamento adolescente como função de reinscrição do sujeito, integrando o que não foi simbolizado da sua história. Não que a adolescência, em si, vá cumprir o papel da análise. Esta última cria as condições necessárias para que o sujeito se depare com uma angústia mobilizadora do trabalho psíquico e isso só é possível pela suspensão da fala do analista. A adolescência, na medida em que tem que se haver com uma nova realidade, a do corpo transformado pela puberdade, poderá dar um novo encaminhamento ao ressurgimento do Édipo, através da simbolização. Pode ser, portanto, um momento muito criativo ou de pura repetição. Questionamos se não é a partir da adolescência que se vai instalar pela vida afora esse mal-estar ao qual Freud se referiu em *O mal-estar na civilização* (1929), à proporção em que haverá uma tensão entre um corpo transformado, “pulsante”, e as exigências do mundo externo, que caminham em direção oposta.

Ao articularmos o Édipo a essa dialética da infância e da adolescência, a última é posta como potencialmente capaz de mudar o curso da história do sujeito. Podemos observar, na clínica, pessoas que são mais implicadas na sua trama edípica e outras, mais livres frente à circulação do seu desejo. Por outro lado, não podemos falar de uma resolução do Édipo no final da adolescência, nem tampouco negligenciar patologias que já começam a se manifestar na infância. No entanto, o Édipo é revisitado, na adolescência, por ocasião da maturidade do corpo, por isso, ameaçador da realização do desejo. Por que não poderíamos pensar, então, em possibilidades de manifestações patológicas as mais diversas? Acreditamos que a adolescência pode ser, para o psiquismo, tanto um bom quanto um mau encontro, no sentido de que um acontecimento fortuito durante essa idade pode favorecer manifestações patológicas ou, pelo contrário, mudar o seu curso propiciando novos investimentos.

Em termos da clínica, encontramos determinados sintomas que são mais peculiares a essa idade e que chegam a pôr em risco a própria vida do sujeito, como é o caso da anorexia, da bulimia, do suicídio. Claro que podemos encontrá-los no adulto, mas, por serem mais característicos da adolescência, um estudo voltado para esse momento pode contribuir para o entendimento dessas manifestações. Não é nosso propósito determo-nos nessas manifestações: estamos apenas chamando a atenção para avanços que beneficiariam a clínica, de maneira geral.

Diante de tais aspectos, podemos perceber que a revivescência do Édipo na adolescência é a primeira das muitas crises com que o sujeito vai-se deparar ao longo da vida. Falamos em primeira crise considerando, por um lado, as exigências pulsionais decorrentes de um corpo maduro e, portanto, ameaçador da realização do incesto; por outro, das exigências sociais portadoras de leis, as quais possibilitam a existência da vida em sociedade. Essa crise marca o início do que virá depois e, por isso, merece cuidados que podem ser decisivos nas marcas do destino do sujeito. Um estudo sobre a adolescência, portanto, tem um alcance maior do que um sobre o próprio adolescente, posto que contempla o psiquismo nas idades que a antecedem e a sucedem e, dessa forma, pode trazer importantes contribuições à psicanálise.

Antes, porém, de nos determos sobre nossa leitura da adolescência, faremos uma recapitulação resumida sobre o surgimento e evolução do complexo de Édipo em Freud e os acréscimos trazidos por Lacan.

2 UM RETORNO AO ÉDIPPO

A importância de revermos o complexo de Édipo, desde a sua elaboração por Freud e os acréscimos trazidos por Lacan, dá-se por alguns motivos. Antes de mais nada, porque foi Freud quem o descobriu e Lacan deu um grande avanço ao introduzir as categorias do imaginário, simbólico e real. Depois, porque o Édipo deu subsídios para Freud construir uma teoria da sexualidade infantil que permite uma compreensão do psiquismo tomando como base o inconsciente. Lacan (1999, p. 161) observa que “o que o inconsciente revela, no princípio, é, acima de tudo, o complexo de Édipo”. Para efeito do nosso estudo, o principal motivo de acompanharmos a evolução teórica do complexo de Édipo é sua implicação nas questões da adolescência. A sexualidade é dividida por Freud em dois tempos. Surge na primeira infância, é intercalada pelo período de latência e reaparece com a adolescência. O segundo momento, portanto, é o da revivescência edípica. Poderíamos perguntar, então, como o despertar do Édipo acontece na adolescência; ou seja, trata-se de uma pura revivescência edípica ou a adolescência vem *re-significá-la* dando uma abertura para o sujeito, ou ainda, ambas as situações coexistem? São questões que estão colocadas no nosso trabalho e que necessitam de mais clareza.

Optamos por fazer, inicialmente, um retorno ao estudo sobre o complexo de Édipo, que é o lugar onde o destino do sujeito terá sido marcado. Aqui surge um terceiro motivo da necessidade de fazermos um retorno ao estudo sobre o Édipo desde suas primeiras formulações. O que se entende por retorno do Édipo, na adolescência vai ter diferentes encaminhamentos, dependendo da leitura que se faça do conceito na obra freudiana. Alguns artigos, uns mais que outros, dão margens a diferentes interpretações; é o caso, por exemplo, dos “Três ensaios”, como veremos ao longo do trabalho. Podemos dizer que existem tantas leituras sobre a adolescência quantas interpretações sejam dadas à obra freudiana; sem falar que esse momento da vida, por suas próprias características, também dá margens a variadas interpretações.

Cahn (1999), por exemplo, traz, resumidamente, alguns pontos nos quais as escolas de psicanálise diferem quanto aos problemas ligados a impasses de desenvolvimento.

A escola inglesa, encontrando na teoria e na prática de Freud um apoio que considera ao mesmo tempo necessário e suficiente, decifrará e abordará tais casos enquanto conflitualidade do adolescente e, então, centrada na angústia da castração [...]. A escola americana, apoiando-se nas concepções de Hartmann, considera nodal

a incapacidade de o eu de fazer frente às novas tarefas de individualização e de adaptação ao mundo exterior a que se vê confrontado o adolescente, por causa de sua fixação num estágio onde o sujeito e objeto não estão claramente diferenciados [...]. Quanto aos autores de língua francesa, quaisquer que sejam seus pontos de vista, concordam em reconhecer, no seio destes diversos quadros clínicos, o aspecto central da patologia narcísica e da angústia de aniquilamento. (CAHN, 1999, p. 31-32)

Alberti (1999), por sua vez, chama a atenção para a ênfase que é dada, de uma maneira geral, pelos autores, à questão da genitalização na adolescência. Ressalta que “a maioria dos trabalhos sobre a adolescência admite que há uma sexualidade pré-genital na infância e que a adolescência introduz a sexualidade genital. A adolescência reativa o conflito original em razão da reatualização da organização pré-genital e do Édipo.” (ALBERTI, 1999, p. 20)

Faremos, a seguir, uma recapitulação esquemática do complexo de Édipo começando por onde ele surgiu, caminho que nos conduzirá até ao seu re-surgimento na puberdade.

2.1 O Édipo em Freud: antecedentes, descoberta e evolução

É senso comum vincular o complexo de Édipo à descoberta da psicanálise. Sabemos, entretanto, que ele não esteve presente desde o início da sua construção. Por ser considerado o complexo nuclear da psicanálise (FREUD, 1977j, v. 9, p. 217), é um tema que perpassa toda a obra de Freud e que continuou recebendo grandes contribuições dos pós-freudianos. Mesmo após sua descoberta, não encontramos na obra freudiana um estudo sistemático sobre o Édipo, embora esteja subjacente a toda elaboração teórica. Ele esteve presente tanto para que se pensasse num tempo originário do surgimento da cultura, como também, dentro do próprio núcleo familiar, para que a criança pudesse situar seu lugar frente aos pais e irmãos. As duas aquisições a que o Édipo se propõe para a estruturação psíquica do sujeito são o reconhecimento das diferenças entre as gerações e as diferenças sexuais. Primeiro, iremos descrever rapidamente o que orientava Freud na busca pelas causas das neuroses, antes da descoberta do complexo de Édipo.

No período entre 1895 e 1897, Freud atribuiu à sedução real um papel determinante na etiologia das psiconeuroses. Deduziu isso através de relatos de suas pacientes, referindo-se a a sedução ocorrida na realidade por um adulto, quase sempre o pai. Mas, logo a seguir, essa hipótese foi abandonada (carta a Fliess, 21/09/1897 – carta 69) por alguns motivos: primeiro, pelo desapontamento em não conseguir levar a bom termo sequer uma única análise; depois,

porque assim todos os pais teriam que ser perversos; além do mais, os casos de perversão teriam que ser mais freqüentes do que a histeria dela resultante; terceiro, porque não existem indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir verdade de ficção afetivamente carregada; e em quarto lugar, porque, mesmo nas psicoses mais profundas, não chega a irromper a recordação inconsciente, de modo que o segredo das vivências não se traduz sequer no mais confuso estado delirante.

A queda da teoria da sedução foi de grande impacto para Freud. Contudo, suas pesquisas continuaram e, através do material extraído da sua auto-análise e da análise dos sonhos de seus pacientes, deparou-se com as fantasias, as quais ganharam um lugar de destaque, definitivo, na sua teoria:

[...] os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material. [...] Eu tinha tropeçado pela primeira vez no **complexo de Édipo**, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia. (FREUD, 1977, v. 20, p. 48)

A descoberta do Édipo veio apontar a uniformidade do funcionamento psíquico entre os indivíduos neuróticos e os normais. A diferença entre as categorias do normal e do patológico estaria na intensidade dos afetos (amor e ódio) sentidos em relação às figuras parentais.

Não acredito, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente nesse sentido de outros seres humanos que parecem normais [...]. É muito mais provável que somente sejam diferenciados por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio aos seus pais, que ocorrem menos óbvia e intensamente nas mentes da maioria das crianças. (FREUD, 1977, v. 4, p. 276)

O complexo de Édipo levou Freud a formular uma teoria sobre a sexualidade mostrando que ela está presente desde a infância e que, no humano, a sexualidade sofre desvios tanto em relação ao objeto, quanto ao objetivo da pulsão. Vários estádios terão que ser vencidos até se chegar à primazia do genital. Freud denomina a sexualidade da criança de perverso-polimorfa, uma vez que há uma predominância das pulsões parciais, a fim de buscar unicamente satisfação. Com a idéia de pulsão, a psicanálise oferece uma visão absolutamente nova da sexualidade humana, distinguindo-se definitivamente da visão proporcionada pela biologia. Tornar-se homem ou mulher não é um caminho já traçado pelo biológico. Mas, os

problemas não param por aí: homens podem ter, mais ou menos, características femininas e as mulheres também trazem consigo sinais de masculinidade. Não encontramos tipos puros de um nem de outro sexo.

Ou seja, mesmo a ciência mostra como podem existir partes do aparelho sexual de um sexo presentes no outro. “Excetuando casos muitíssimo raros, apenas uma espécie de produto sexual – óvulo ou sêmem – está presente numa pessoa.” (FREUD, 1977, v. 22, p. 141). De resto, é difícil fazer uma distinção; Porém, isso não é suficiente para definirmos a masculinidade e a feminilidade.

No segundo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud vai traçar todo o caminho que a pulsão percorre. Sempre se pensou que a sexualidade estivesse ligada à maturação do corpo biológico, ou seja, à puberdade, mas o estudo sobre a sexualidade infantil trouxe um outro entendimento sobre o universo psíquico do homem. E revelou, também, grandes problemas para Freud. Um deles era a dificuldade para obter informações de uma fase tão precoce da vida, ainda mais porque era encoberta pela amnésia infantil. Outro problema era identificar como a sexualidade surge na criança, em que a prematuridade é o que melhor define o seu estado de despreparo, de incapacidade e de desamparo, nos primeiros momentos de sua vida. A presença de um adulto é imprescindível não só para garantir a sobrevivência da criança, mas porque, ao dar a assistência de que ela precisa, a seduz e planta nela a semente do desejo, que a faz sujeito. Mas, nesse momento, a sexualidade está determinada geneticamente e vai cumprir sua função, ao longo desse programa evolutivo.

Freud divide o desenvolvimento da organização sexual da criança em três etapas. A primeira é a fase oral, que tem como objeto o seio e por objetivo a incorporação do alimento. A segunda é a fase sádico-anal, que tem na membrana mucosa erógena do ânus o seu objeto e na descarga das fezes seu objetivo. Por fim, a fase fálica, que é caracterizada pelo conhecimento de apenas um órgão sexual, o pênis, tanto pelas meninas, quanto pelos meninos. Essas fases são seguidas por um período de latência, em que o interesse sexual fica em segundo plano. Elas teriam que ser ultrapassadas porque uma demora maior (fixação) numa delas ou uma regressão para uma anterior era tida como um desvio da sexualidade normal. Nos “Três ensaios”, Freud diz que a primeira escolha objetual da criança se situa entre dois e cinco anos e é detida pelo período de latência. O segundo aparecimento da sexualidade advém com a puberdade; mas, nesse período, o sujeito tem que renunciar aos objetos infantis (pai e mãe) e redirecionar o desejo para outras pessoas. O problema trazido pela sexualidade, nesse momento, diz respeito à excitação sexual. O aumento de tensão era sentido como desprazer, sendo necessário ao aparelho psíquico descarregar o excesso. O prazer sexual está

ligado – contrariando o princípio do prazer – a um aumento de tensão, problema que Freud tenta resolver diferenciando o prazer do pré-prazer.

As crianças, desde cedo, têm interesse pelo sexual e criam teorias para dar conta de seus questionamentos. Uma dessas teorias consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis. No artigo “Romances familiares”(1909), Freud diz que nessa época a criança tem os pais no mais alto valor, considerando-os fonte de seu conhecimento e deseja igualar-se a eles. Libertar-se dos pais constitui um dos mais dolorosos resultados do seu desenvolvimento. Por outro lado, o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as sucessivas gerações. (FREUD, 1977i, v. 9, p. 243). Quando, finalmente, a criança vem conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe, em sua relação sexual, o romance familiar é desfeito, atingindo a reputação da mãe e o valor que foi dado aos pais. Aparece, nas fantasias, o desejo de substituí-los por outros melhores. Freud (1977i, v. 9, p. 246) esclarece que esse desejo nada mais é do que a expressão da saudade que a criança sente daqueles pais da infância, que foram por demais valorizados.

Freud começou descrevendo as etapas constitutivas do Édipo no menino. O caso Hans foi-lhe bastante instrutivo nesse sentido e imaginou, a princípio, que tudo ocorria da mesma forma com a menina. Foi direcionado pelo seu entendimento, na época, de um Édipo simétrico ao dos meninos, que analisou o caso Dora e o da homossexual feminina. Descobriu, primeiramente, o Édipo positivo, que caracteriza o amor do menino pela mãe e rivalidade com o pai; no caso da menina, seria o inverso. Depois, verificou que poderíamos encontrar também um Édipo invertido, em que, no caso da menina, por exemplo, haveria amor pela mãe e raiva do pai. Por fim, concluiu que ambos os afetos tomam parte nesse romance, porque, é pela via do amor que a criança, por identificação ao genitor do mesmo sexo, irá assumir sua identidade sexual.

Freud ainda chama a atenção para o fato de que essa identificação é ambivalente desde o início. Em “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921), afirma que ela

é a expressão mais remota de um laço emocional com outra pessoa. Tomar o pai como ideal não tem nada a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai. No caso do menino, ao mesmo tempo que se identifica com o pai, escolhe a mãe como objeto. Depois, o menino nota que o pai se põe em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com ele assume um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. (FREUD, 1977i, v. 18, p. 133)

Pode também acontecer de o Édipo inverter-se e o genitor do mesmo sexo ser tomado como objeto; neste caso, a identificação com esse genitor vem antes de uma vinculação de

objeto com o mesmo. A distinção entre a identificação e a escolha de objeto é que, na identificação, o sujeito gostaria de ser como ele, e no segundo caso, o sujeito gostaria de tê-lo. Freud dispunha de um mesmo modelo do Édipo (simétrico) para meninos e meninas. A explicação dada por ele ao caso Dora era o da ocorrência de uma regressão libidinal da escolha de objeto para uma identificação com o pai.

Por fim, o Édipo é concebido, por Freud, na sua forma complexa, tanto em meninos quanto em meninas; ou seja, comporta amor e ódio pelo genitor do mesmo sexo, como também pelo genitor do outro sexo. O desfecho de sua forma positiva deve permitir (ao menino ou à menina) uma identificação com o genitor do mesmo sexo e a retirada de investimentos objetivos para outro objeto fora do âmbito familiar. Pode acontecer, no entanto, que haja uma identificação com o genitor do mesmo sexo da criança. O que determina uma identificação mais masculina ou feminina é a disposição sexual de cada um.

No menino, o desfecho do complexo de Édipo dará lugar ao ideal do ego perpetuando a herança da espécie. “Erigindo esse ideal, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, pôs-se em sujeição ao Id. O que pertencia à parte mais baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante a formação do ideal, no que é mais elevado no psiquismo pela escala de valores.” (FREUD, 1977n, v. 19, p. 51)

Freud (1977n, v. 19, p. 52) ainda diz que o complexo paterno permitiu condições para aquisições sociais. “O sexo masculino parece ter tomado a dianteira em todas essas aquisições morais, que parecem então ter sido transmitidas às mulheres através do cruzamento hereditário”.

Enquanto não dispõe do complexo de castração, Freud dá saídas bastante problemáticas para o Édipo. Apela sempre para o fator constitucional quando não consegue dar conta do problema.

No artigo “A organização genital infantil” (1923), Freud revoluciona o que escreveu nos “Três ensaios”. Ele achava naquela época que a primazia dos órgãos sexuais só tinha sido efetuada incompletamente e que a puberdade consistia nessa primazia do genital e na escolha de objeto definitiva para a vida adulta. Nesse artigo, porém, ele diz: “A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de objeto”. A característica principal dessa “organização genital infantil” em relação à adulta “consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.” (FREUD, 1977o, v. 19, p. 180)

Freud vai explicar todo o processo apenas do ponto de vista do que acontece com o menino. Ele diz que o menino percebe a diferença entre homem e mulher, mas não sabe a que

se deve tal diferença. Para ele, todos os seres possuem pênis, chegando a procurá-lo, inclusive, nas coisas inanimadas. Depois, o menino percebe que nem todos os seres o possuem, ao observar a menina. A princípio, reage imaginando que ainda vai crescer. Posteriormente, chega à conclusão de que o pênis esteve lá e foi retirado. Introduce, assim, o complexo de castração e enfatiza que seu valor está associado à fase fálica. Nada atinge mais de frente o narcisismo do sujeito do que ser castrado. A depreciação da mulher, o horror a ela e a disposição homossexual derivam da convicção de que as mulheres não têm pênis. Ainda demorará para que a criança descubra que sua mãe não tem pênis, falta que a criança só atribui, a princípio, às mulheres que ela deprecia. A questão da masculinidade e feminilidade só vem à tona, segundo Freud, com a chegada da puberdade. Assim, o estágio sádico-anal tem como par antitético a atividade/passividade e, no estágio fálico, existe apenas a masculinidade; a feminilidade não é reconhecida.

Com a entrada da castração, Freud apresenta uma outra via para solucionar o problema da dissolução do complexo de Édipo. É só em 1924 que ele vai tratar o complexo de Édipo das meninas diferentemente do que diz acontecer nos meninos. O Édipo encontra-se atuando na primeira infância, paralelamente à fase fálica. Depois disso, ele sofre o processo de recalque e é seguido pelo período de latência. A menina deve largar o pai como objeto de amor e o menino, por sua vez, deixar a mãe.

É a ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização fálica da criança; ela só tem efeito na fase fálica e é a responsável pela dissolução do complexo de Édipo. O menino prefere abandonar a mãe a sofrer um dano narcísico. “Os investimentos objetais são abandonados e substituídos por uma identificação. A autoridade do pai introjetada no ego forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo o ego do retorno da libido.” (FREUD, 1977p, v. 19, p. 221). Freud diz, ainda, que, se esse processo não for bem recalcado, manifestará mais tarde seu efeito patogênico.

Com a menina, o clitóris funciona inicialmente como um pênis. Ela chega a atribuir (da mesma forma que os meninos) pênis às mulheres adultas também. Algumas meninas, ao se compararem com os meninos, acham que o seu pênis é pequeno, mas que ainda vai crescer, como acontece no caso daquelas que desenvolvem o complexo de masculinidade. De forma geral, a castração é dada como consumada nas meninas. Surge o problema do superego na menina pela falta do temor de castração e para a interrupção da organização genital infantil. Quanto à primeira dificuldade, Freud diz que isso justifica algumas atitudes mais frouxas das mulheres, mais emocionais, mostrando um superego menos rígido do que o dos homens. Com relação à dissolução do complexo de Édipo, a menina renuncia ao pênis na busca de um bebê

e vai procurá-lo, então, em quem pode dar, o pai. O Édipo é abandonado, uma vez que esse é um desejo impossível.

Freud observa que o Édipo no menino é mais fácil de compreender porque, sendo a mãe o primeiro objeto de amor, continua sendo a mesma nessa fase. Enquanto isso, a menina tem de trocar a mãe pelo pai e, por causa da inveja do pênis, procurará compensá-lo através da associação falo-bebê. Além disso, a menina tem que trocar de zona genital do clitóris para a vagina. A inveja do pênis é um dos motivos que a leva a abrir mão de sua mãe. “Enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas, ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração”. (FREUD, 1977q, v. 19, p. 318). Visto dessa forma, a menina não teria como sair do Édipo.

Com a descoberta de uma fase pré-edípica, Freud pode compreender melhor o que se passa com a menina, diferenciando ainda mais os desdobramentos do complexo de Édipo em meninas e meninos. Por causa da presença de dois órgãos sexuais (clitóris e vagina), a menina vai portar-se frente a sua sexualidade de duas maneiras distintas: uma mais masculina e outra feminina. Para o menino, sua saída do Édipo lhe proporciona um ganho narcísico, bem como a aquisição do superego, por uma identificação com o pai. Freud (1977s, v. 21, p. 263) acrescenta que o menino “só teria que desligar o superego das figuras de quem originalmente constitui o representante psíquico”.

Uma série de conseqüências ocorre como efeito do complexo de castração nas meninas. Insatisfeita por não ter falo, abandona a atividade sexual no geral (caminho da neurose); segue na esperança de ter um falo (complexo de masculinidade); ou segue o caminho que a levará à feminilidade, tomando o pai como objeto. O longo período de ligação da menina com a mãe pode deixar marcas que se podem estender até a vida adulta. Freud (1977, v. 22, p. 147) diz que

seria uma solução idealmente simples, se pudéssemos supor que, a partir de determinada idade em diante, a influência fundamental da atração recíproca entre os sexos se faz sentir e impele a mulher para o homem, enquanto a mesma lei permite ao menino continuar com sua mãe. Poderíamos supor, de resto, que nesse ponto os filhos estão seguindo a indicação que lhes foi dada pela preferência sexual de seus pais.

Isso justificaria o ponto de vista de alguns autores que entendem a primazia do genital na puberdade como última etapa do desenvolvimento da sexualidade, dando a impressão de que tudo está resolvido nesse encontro entre homem e mulher. Aliás, acompanhando essa linha de pensamento desenvolvida por Freud quanto à dissolução do complexo de Édipo, o

menino sairia com garantias de sua virilidade; a menina, por sua vez, para se tornar mulher, teria três saídas: a masculinidade, a neurose e a saída da feminilidade, o que não resolve o problema do enigma da mulher. O editor inglês da obra freudiana cita uma nota em que Ernest Jones comenta como Freud julgava a psicologia das mulheres mais enigmática que a dos homens. Freud (1977q, v. 19, p. 304) teria dito a Marie Bonaparte, “A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa, é: o que quer uma mulher?”

2.2 O Édipo em Lacan

Lacan (1995) propõe, pelo que chama de “retorno a Freud”, uma releitura da obra freudiana, em função do que considerou como os desvios sofridos pela psicanálise em decorrência das más interpretações feitas pelos pós-freudianos. Para isso, introduz três dimensões – imaginário, simbólico e real – as quais constituem a base de toda a sua teorização. O objeto, tantas vezes relacionado com a realidade por alguns psicanalistas, ganha uma perspectiva mais dinâmica quando articulada às categorias acima mencionadas. Não é nosso intuito desenvolvermos este ponto; já tratamos, mais detidamente, sobre ele num outro trabalho. Eis o que lá dissemos:

A primeira grande questão para quem quer fazer um estudo sobre o Édipo, na teoria lacaniana, é perguntar sobre o objeto: que objeto é este implicado nessa relação? Os objetos correspondem àquelas pessoas que cuidam da criança desde o seu nascimento, como a figura da mãe e depois a do pai? É a mulher o objeto? Lacan remete-nos ao artigo “Três ensaios” (1905), em que Freud afirma que ‘toda a forma do homem encontrar o objeto é, e só pode ser a tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto que se trata de reencontrar.’ O que surpreende Lacan é que, mesmo tendo elaborado nos “Três ensaios” uma teoria baseada na maturação das pulsões, Freud apresenta como conflitiva a busca do objeto, pois esta nunca corresponde ao que é encontrado. Daí, o encontro com o objeto nunca ser harmônico, bem como a noção de adaptação à realidade perder o sentido. (DANTAS, 1993, p. 11)

Uma das críticas feitas por Lacan aos pós-freudianos foi dirigida para essa vinculação que se deu do objeto com a realidade; ou seja, não é a questão genital, referida mais especificamente ao pênis, que se deve considerar. Os anos compreendidos entre 1920 e 1930, na obra freudiana, são tomados por Lacan como reveladores da distinção entre pênis e falo. Não se trata, portanto, na saída do Édipo, da busca do pênis, mas do falo.

É pela noção da falta que Lacan vai tratar a privação, a castração e a frustração. A natureza da falta na privação é real; no imaginário, não haveria lugar para a privação, uma vez

que a exigência fálica se faz presente; na castração, só podemos falar de falta no nível do simbólico, porque na realidade não acontece a mutilação do órgão. Na frustração, a noção de falta está relacionada a um dano imaginário: “Ela diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição.” (LACAN, 1995, p. 36)

Quanto ao objeto que falta a cada uma dessas categorias, é também de ordens diferentes: na frustração atribui-se ao objeto real o prejuízo imaginário que possa advir desta falta. O objeto da privação é simbólico porque, no real mesmo, nada falta; na castração, o objeto é imaginário porque se trata do falo e, portanto, do que faltou.

Lacan observa que historicamente o complexo de Édipo não surgiu, no início, relacionado à genitalização, ou seja, com a função da sexuação no sujeito, no sentido de tornar-se homem ou mulher, nem para demarcar a posição do sujeito na ordem das gerações. Surgiu como uma função normalizadora essencial: todos têm Édipo. Se todos têm Édipo, caberia, então, saber se seria um acidente do Édipo que causaria a neurose ou se existiria uma neurose sem Édipo. Depois, veio a descoberta, *a posteriori*, do campo pré-edípiano que apontou para a possibilidade de ser, também, um terreno propício a patologias. Num terceiro momento, o complexo de Édipo foi reconhecido como tendo função de sexuação, através da genitalização, mas na medida em que esta, ao ser assumida pelo sujeito, se torna elemento de um Ideal do eu. É por isso que Lacan dá tanta ênfase ao pai na sua concepção do Édipo. “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a questão do pai.” (LACAN, 1999, p. 171). Entretanto, não é preciso que haja um pai real para que um Édipo venha a se constituir. “Falar de carência do pai na família não é falar de sua carência no complexo. Para falar de sua carência no complexo, é preciso introduzir uma outra dimensão que não é a realista, definida pelo modo caractereológico, biográfico da sua presença.” (LACAN, 1999, p. 174)

O pai do complexo é um pai da ordem do imaginário, um pai terrível. Ele intervém em diversos planos: interdita a mãe do filho (não reintegrarás teu produto), bem como proíbe o filho de ter a mãe (proibição do incesto).

Também não se pode falar de Édipo sem a sua vinculação ao complexo de castração. A castração vai participar da proibição, mas não está ligada a uma lei externa ao sujeito. Quando o menino vai substituir a mãe pelo pai projeta no pai toda a agressão, a qual retorna ao sujeito sob o cunho de uma retaliação. Daí, para Lacan, a castração é da ordem do imaginário. O medo da castração força o menino a sair do Édipo e, na medida em que a criança elege o pai como Ideal do eu, porque este se apresenta como possuidor do falo, ela deve transpô-lo.

Seguindo esse raciocínio de Lacan, fica mais fácil explicar a situação da menina, no complexo de Édipo do que a do menino. O pai é visto pela criança como o possuidor do falo. A menina vai buscar o falo naquele que o possui; o menino identificar-se-á com o pai enquanto aquele que possui. Mas, o pai é uma metáfora, ou seja, um significante que substitui outro significante. Ele também não tem o falo; e substitui o desejo materno. Daí, Lacan (1999, p. 201) dizer que “um homem é sempre mais ou menos sua própria metáfora.”

Eis, portanto, os três tempos do Édipo. O primeiro é constituído pela tríade imaginária: mãe-criança-falo. A ausência de falo na mãe faz com que ela procure saturar essa falta através da criança, em quem pode compensar sua demanda fálica decorrente da castração. A criança, por sua vez, acredita ser esse objeto exclusivo de desejo da mãe. Ela se encontra, em relação à mãe, diante de uma falta que a faz se posicionar de modo a preencher esse desejo da mãe. É na maneira como a criança se encontra diante desse desejo – identificada com a mãe enquanto portadora do falo, ou identificada ela mesma com o falo – que vemos se configurar as identificações perversas.

O segundo momento é caracterizado pela presença do pai que vem interditar esta relação da criança com a mãe, fazendo com que a mesma reconheça que não é o único objeto da mãe, que esse objeto é o falo e a mãe é privada dele. O pai é percebido pela criança nesse segundo tempo do Édipo, embora ele já esteja presente desde o primeiro momento.

A diferença entre o primeiro e o segundo tempos do Édipo dá-se pela entrada do pai como elemento que desestabiliza a relação mãe-criança, em que a última descobre que não é o único objeto de desejo da mãe. O pai, então, intervém efetivamente como privador da mãe e isso num duplo sentido: enquanto priva a criança do objeto de seu desejo e enquanto priva a mãe do objeto fálico.

O terceiro tempo corresponde ao declínio do Édipo. ‘O pai intervém como aquele que tem o falo. Ele deixa de ser o falo para ser o que possui. Instaura a instância do falo como objeto desejado pela mãe e não mais como objeto do qual a pode privar como pai onipotente’. Lacan observa que a problemática da mulher ficou mais complicada para Freud porque ele descobriu primeiro o Édipo. Para Lacan, por sua vez, que partiu da formulação freudiana do pré-édipo, percebeu, mais facilmente, o deslizamento desse falo imaginário, que a menina vai procurar em quem tem, o pai. (DANTAS, 1993, p. 28).

“É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu e, a partir daí, o complexo de Édipo declina”. Lacan chama a atenção para o fato de que a internalização feita pelo menino desse Ideal não significa que ele vá tomar posse de todos os seus poderes sexuais e exercê-los.

Muito pelo contrário, ele não exerce nem um pouco, e poderíamos dizer que, aparentemente, decai do exercício das funções que haviam começado a despertar. Não obstante, se o que Freud articulou, tem algum sentido, a criança detém todas as condições de se servir delas no futuro. A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem de um significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde. O menino tem todo o direito de ser homem e o que lhe possa ser contestado, mais tarde, no momento da puberdade, deverá ser relacionado a alguma coisa que não tenha cumprido completamente a identificação metafórica com a imagem do pai, na medida em que essa identificação se houver constituído através desses três tempos. (LACAN, 1999, p. 201, grifo nosso)

Portanto, o complexo de Édipo só pode ser transposto no terceiro tempo através da identificação: o menino identificando-se com o pai como possuidor do pênis; e a menina ao reconhecer o homem como aquele que o possui.

A saída pela via da identificação é o caminho que Freud e Lacan propõem como aquela que representa a normatização do Édipo. Ou seja, na saída do Édipo, tanto menina como menino devem reconhecer que não têm o falo – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina. No entanto, há uma diferença fundamental entre aquilo que Freud fala sobre a identificação do menino com o pai e o que Lacan oferece como saída do Édipo que não seja pela via da homossexualidade. Em Freud, o conceito do Édipo vai-se tornando complexo, no sentido de que a identificação comporta sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação ao genitor do mesmo sexo, como também estão presentes para com o genitor do outro sexo. Pela via do amor, o menino identifica-se com o pai e o elege como Ideal do eu. Essa identificação através do amor traz problemas, porque põe o menino numa via invertida do Édipo. Identificar-se com o pai pela via do amor coloca-o na posição passiva, ainda mais porque é o pai quem possui o falo. Lacan propõe, então, que o pai, ao tornar-se Ideal, passa a ser o alvo sempre buscado, mas nunca alcançado, porque todos somos sujeitos constituídos pela falta. Isso significa dizer que a adolescência é o momento em que essa sexuação é posta à prova e o que ficou de impasse numa época anterior é refletido nesse momento. O adolescente depara-se com um corpo igual ao do adulto, mas isso não lhe possibilita estar na mesma posição dos pais. Ficar identificado pela via do imaginário é ficar preso na ilusão de que se tem ou de que se é o falo. A saída favorável é a da simbolização. “Há conexão entre a dimensão imaginária e o sistema simbólico, na medida em que aí se inscreve a história do sujeito [...], aquilo em que o sujeito se reconhece correlativamente no passado e no futuro”. (LACAN, 1986, p. 184)

É por isso que a história do sujeito não pode ser dada *a priori*. Passado e futuro encontram-se numa dialética, de modo a intervir na história do sujeito. A adolescência, tida comumente como etapa entre o passado e o futuro, é o lugar, por excelência, de subjetivação.

3 POR UMA TEORIA PSICANALÍTICA DA ADOLESCÊNCIA

Para Rassial (1999), a adolescência é marcada por sintomas específicos ou por uma modificação da sintomatologia; são manifestações que, mesmo sendo transitórias, ou mesmo que precisem de uma intervenção terapêutica, têm características não redutíveis à patologia da criança ou do adulto. Reconhece que a adolescência se inscreve numa história e alguns fenômenos que aconteçam na infância podem vir a desencadear alguma dificuldade na adolescência, mas também entende que alguns problemas ocorridos nesse momento podem trazer marcas para a vida adulta. Parece paradoxal, mas o que ele chama de problemas específicos da adolescência são aqueles que extrapolam o âmbito familiar, atingindo o laço social, como é o caso da delinquência, da toxicomania, do suicídio, da anorexia, riscos que não remetem exclusivamente a um mal-estar individual, mas também, a um mal-estar na cultura, na medida em que põe em causa o laço social nos princípios constitutivos da sociedade.

No entanto, se essa especificidade dá consistência ao conceito de adolescência na psicopatologia, não acontece o mesmo com relação à fundação do conceito de adolescência na teoria psicanalítica. Rassial é um desses autores que trabalha no sentido de podermos pensar a adolescência como um conceito psicanalítico. Vemos o interesse em validar sua hipótese quando diz que “a questão epistemológica no fundamento de toda pesquisa psicanalítica sobre a adolescência consiste no valor do conceito de adolescência, de sua validade na teoria psicanalítica, uma vez constatado por cada um que como noção ela já é de algum uso para o clínico e o praticante”. (RASSIAL, 1997a, p. 187)

O que falta à adolescência são subsídios teóricos para ela ser pensada psicanaliticamente, porque ela já tem consistência em outras disciplinas, como, por exemplo, na fisiologia, quando é estudada através do processo da puberdade; ou na sociologia e nas ciências sociais, à proporção que está determinada histórica e geograficamente; até mesmo na psicologia, que a vê como um tempo de acomodação e de realização do eu.

Para a psicanálise, assinala Rassial (1997a, p. 187, grifo nosso),

o conceito de adolescência tem somente validade, além de sua definição como noção de período de afecção imaginária do Eu, sob o efeito desse golpe do real que seria a puberdade, se se pode isolar um momento lógico de efetuação de uma operação simbólica, com um peso tal que a estrutura subjetiva, além da imagem egóica, seja posta em causa por seu efeito ou por sua ausência, ou ainda, por sua suspensão.

Rassial oferece caminhos que podem dar sustentação às suas hipóteses, como a utilização das categorias do real, do imaginário e do simbólico, articulando-as à adolescência. É o anolamento dessas dimensões que vai permitir ao autor situar o que chama de operação simbolígena, termo extraído de Françoise Dolto.

Rassial destaca dois momentos cruciais que contribuíram para dar uma nova perspectiva à adolescência. Um deles surgiu com o termo *breakdown*, para falar de uma quebra no desenvolvimento; ou seja, a adolescência não seria simplesmente uma confirmação da infância. O outro, com a distinção feita por Philippe Gutton entre puberdade e adolescência, isto é, entre a exigência de uma reapropriação egóica do corpo e a necessidade de construir novos ideais, favorecendo a idéia de um tempo mais lógico do que cronológico. A puberdade pode, assim, mobilizar um processo adolescente, mas não é a única maneira dela se manifestar. Adultos que não passaram pelo processo da adolescência podem reativá-lo num momento tardio, por exemplo, na adolescência dos filhos. Essa é a explicação que ele dá para atitudes de mães que passam a usar as roupas das filhas, ou de pais que, ao se separarem, passam a se interessar por jovens da idade das filhas. Por outro lado, crianças podem ter uma adolescência antecipada, no caso de viverem perdas significativas precoces na vida, como o desaparecimento dos pais.

A adolescência é o momento em que a promessa do Édipo se mostra enganadora, na medida em que a puberdade faz do corpo da criança um corpo igual ao do adulto e do mesmo tipo que o deste. Se a criança aceitou a interdição do incesto e do assassinato, é porque ela veio com uma promessa, promessa, isto é, a de que quando crescesse teria acesso a esse gozo. O adolescente descobre que o gozo de ser, orientado pelo falo e que devia se realizar na genitalidade, é um gozo parcial: a atividade sexual não garante nenhuma relação sexual que possa dar aquela unidade vivida com a mãe um dia. Descobre, também, que essa promessa sempre é remetida para “um mais tarde”, quando terminar os estudos, quando trabalhar, quando se aposentar, terminando com a morte. “O adolescente é confrontado com a distância entre a realidade de seus pais, que ele começa a perceber como sujeitos comuns, com seus conflitos, seus limites, seus desejos, e os pais ideais ou idealizados da infância que, por um tempo, encarnaram esse estatuto de adulto prometido para mais tarde” .(RASSIAL, 1997a, p. 76)

Uma das conseqüências da decepção dessa promessa é a perda do estatuto de criança. As transformações do corpo vão exigir do adolescente uma nova apropriação da imagem desse corpo que mudou de valor. Outra conseqüência dessa decepção é a desqualificação imaginária do Outro, que quando criança se encontrava amparada na Mãe e depois, no Pai. Essa encarnação imaginária do Outro pode ser figurada pelo pai da realidade ou por qualquer

pessoa que esteja ocupando esse lugar de grande Outro. O adolescente descobre que faz parte de uma cadeia, a das gerações; que o pai não é o fundador dessa cadeia, mas apenas seu transmissor. Isso põe em cheque o Nome-do-Pai, do qual Rassial faz um uso diferente daquele proposto por Lacan. O termo Nome-do-Pai não se reduz a uma de suas fórmulas, o patronímio: o autor faz uma distinção entre a operação Nome-do-pai e a metáfora paterna. Diz que “a metáfora paterna é a condição de efetuação de inscrição do Nome-do-Pai tanto quanto de sua forclusão.” (ENTREVISTA..., 1995, p. 93). Ainda afirma que “é uma aberração dizer que o pai está ausente na psicose, é um pai que não permite que a metáfora paterna funcione para a inscrição do Nome-do-Pai.” (p. 93). São as dificuldades normais dessa operação do Nome-do-Pai, quando dadas na adolescência, que vão indicar uma série de patologias transitórias que assinalam o processo adolescente.

O autor apresenta-nos dois momentos em que a operação Nome-do-Pai estaria se efetuando: um, na infância, e o outro, na adolescência. Para a criança, a operação Nome-do-Pai “toma um sentido e torna-se significativa graças à metáfora paterna, quando um saber suposto ao pai faz valer, dá um limite e orienta falicamente o desejo da mãe primordial, que pode então desaparecer por trás da mãe edipiana.” (RASSIAL, 1987b, p. 51). Todos estamos de acordo em que essa metáfora paterna pode ser exercida não só pelo pai da realidade ou por quem quer que esteja nesse lugar de Pai simbólico, ou mesmo sendo apenas verbal, no discurso da mãe. O fracasso da metaforização induz a uma forclusão, que se manifestará imediatamente ou esperará a ocasião pós-purbetária de um apelo ao Nome-do-Pai. A suspensão dessa primeira inscrição do Nome-do-Pai resulta no autismo. Se o fracasso dessa metaforização é evitado, o sucesso do Nome-do-Pai é apenas parcial, porquanto ela se apóia na atualidade da metáfora paterna. Daí afirma Rassial (1997a, p. 41), “A família, quer ela seja nuclear, extensa, monoparental ou substitutiva, é a condição da presença dessa metáfora, o pai, bem como os pais encarnando imaginariamente esse grande Outro ao qual se endereça o sentido da existência do sujeito.”

O que vemos acontecer na adolescência é uma falência da metáfora paterna, na medida em que os pais não são mais ancoragens do lugar do Outro. Diz Rassial (1997a, p. 41): “Na adolescência, essa metáfora perde seu valor, devido a uma desqualificação do pai e da família em encarnar imaginariamente o Outro. O sujeito está confrontado em um tempo ao desespero da vacuidade do lugar do Outro.” O autor ressalta que se essa pane imaginária do Outro ancorado na família é estruturante; mas, ao mesmo tempo é uma situação de risco. O sujeito pode substituir a família por um Outro laço grupal que funcione de forma similar – o exército, a igreja – protegendo-se dessa prova; ou então, poderá autorizar-se a si mesmo. A profissão pode valer como um dos Nomes-do-Pai (no plural), que o adolescente deve inventar para si

próprio. Ou seja, a escolha de um ofício que lhe dê profissão, que lhe confira um nome, pode refundar sua identidade sobre o vestígio, defasado, da primeira inscrição.

Validar a operação do Nome-do-Pai na adolescência será transformar a neurose infantil numa neurose adulta; validar a forclusão do Nome-do-Pai será descompensar para a psicose. A suspensão da operação de validação ou de invalidação é o que caracteriza os estados-limite. O sujeito evita a consequência da inscrição do Nome-do-Pai, isto é, sua neurotização, o sintoma. Ou, ao contrário, evita a consequência de sua psicose não validando a forclusão. A inscrição do Nome-do-Pai ou sua forclusão, portanto, devem conservar, na adolescência, sua própria eficácia, *além da metáfora paterna*. É por isso que Rassial (1997b, p. 52, grifo nosso) insiste em dizer que a adolescência

é o momento em que a operação Nome-do-Pai deve surgir, deve sair da sua representação imaginária sustentada na família. Assim, onde valia o discurso do pai – o discurso do pai pode ser tanto do pai como da mãe – vai se impor o discurso do mestre, que funda o laço social, que permite uma socialização, mas encontra nova dificuldade, pois o lugar do seu enunciador ou é um lugar vazio ou está inscrito na trilha de uma perversão, de uma versão do pai, da qual o pai da realidade seria expulso.

Vemos, dessa forma, que o declínio da função paterna não é só imaginário, mas afeta a própria inscrição simbólica do sujeito.

Com essa teorização, Rassial tenta explicar o que faz com que haja psicoses que aparecem na infância, outras na puberdade e outras, bem mais tarde. A suspensão dessa operação Nome-do-Pai na infância resultaria no autismo, e quanto à perversão, o autor a vê como um impacto da metáfora paterna sobre o desejo da mãe – “um impacto limitado, mesmo se ele acontece, limitado pela inconsistência de um pai que deixa persistir um “todo-poder” da mãe, assim será sempre à mãe que será atribuído o significante do saber”. (RASSIAL, 1997b, p. 51)

Muitos analistas constataram a proximidade fenomenológica entre os estados-limite e as patologias adolescentes. Para Rassial (1997a, p. 38), “é a necessidade da operação adolescente, que pode ocorrer em outra temporalidade que não seja a maturação pubertária, ainda que esteja a ela associada, que permite compreender a etiologia dos estados-limite”.

Ele acredita que o adolescente se encontra confrontado,

se não com uma pane, ao menos a um risco de pane, porque ele deve de novo, e precisamente no a posteriori, realizar uma série de operações fundadoras, cuja

efetuação infantil está recolocada na ordem do dia. Da identificação estrita ou familiar à identificação geral no social, há um hiato que exige do sujeito uma operação de múltiplas faces, das quais três podem ser distinguidas e que se articulam entre si. O adolescente deve, então, aceder imaginariamente, além do fálico, a uma relação genitalizada ao outro do Outro sexo, apropriar-se do olhar e da voz da mãe, objetos parciais que, atribuídos à mãe no lugar de falo, quando da fase do espelho, o haviam assegurado de sua existência. Além disso, deve modificar o valor e a função do sintoma. [...] De sintoma que era no desejo dos pais e, sobretudo, da mãe, ele deve tornar-se proprietário de um sintoma que toma, a partir de então, todo seu impulso intersubjetivo para transformar-se em sintoma sexual, quer seu lugar seja genital, corporal, linguajeiro, comportamental ou outro. (RASSIAL, 1997a, p. 39-40, grifo nosso)

Rassial (1997a), afirma que, ao invés de ser o sintoma da mãe, por exemplo, o sujeito deve ter um sintoma de cujo lugar agora deve responder do seu lugar. Por fim, “irá testar a eficácia do Nome-do-Pai, além da metáfora paterna para pôr ordem na língua que habita e que está habitado”. (RASSIAL, 1997a, p. 40)

Rassial trabalha com hipóteses que podem dar um peso à adolescência, no que concerne à possibilidade de modificação das estruturas psíquicas, uma vez que nem sempre tudo pode já estar dado na infância. Diz que,

Nesse sentido, se tomarmos todas as combinações entre a primeira operação, inscrição ou forclusão, e a segunda operação, validação ou invalidação e se incluímos duas suspensões possíveis, a suspensão autística e a suspensão dos estados-limite, acho que podemos conceber uma clínica específica do adolescente, uma psicopatologia do adolescente, não redutível à psicologia patológica da criança ou à psicopatologia do adulto. Dessa patologia não seriam excluídas possibilidades novas de mudança de estrutura, da neurose à psicose, da psicose à neurose, como a multiplicação das soluções perversas a uma neurose infantil ou a uma psicose infantil. (RASSIAL, 1997b, p. 53)

Como Winnicot, Rassial entende que as crises apresentadas por esses jovens e que preocupam pais e educadores devem ser encaradas como um processo normal da adolescência. Essas crises, se não vividas no tempo, podem ser deflagradas num momento mais tardio, como é o caso da crise da maturidade, em que o adulto se porta como um adolescente. Isso acontece, segundo Rassial (1997b), porque é exigido do adolescente, cada vez mais cedo, um posicionamento diante da vida, mas, cada vez menos, se é tolerante quanto a esse tempo necessário para que a adolescência se processe. O adolescente está naquele intervalo em que não se é totalmente criança nem totalmente adulto. Está entre duas posições, daí a difícil missão quanto à questão de ser responsabilizado por alguns de seus atos. Para umas coisas, pode responder por si; para outras, não. O autor chama a atenção para a dificuldade de certos setores, como o jurídico, por exemplo, de legislar em relação à

adolescência, porque o que a caracteriza é justamente o estar entre. Isso pode ser visto na falta de uniformidade da lei, em diferentes lugares, inclusive, dentro de um mesmo país, por exemplo, quanto à idade permitida para a realização de certos atos, como dirigir, beber, ser responsável criminalmente, votar, etc.

Os exemplos da clínica de Rassist baseiam-se nos filhos de imigrantes que vivem na França. O que se encontra em jogo, muitas vezes, é a disparidade do discurso do mestre que funda o laço social e que denuncia o discurso do pai. Um dos casos relatados é o de um adolescente filho de imigrantes argelinos, mas nascido na França, que se encontrava entre dois ideais contraditórios – um, proposto pelo pai, de integrar-se como francês, e outro pela mãe, de ser argelino. Esse “não totalmente” francês, “não totalmente” argelino traduzia-se no seu corpo como um “não totalmente” menino e “não totalmente” menina. Era aceito no seu grupo de aspecto delinqüente como menino árabe, mas era feminilizando-se que era aceito como francês. Era de identidade própria e não simplesmente de objeto do desejo que se tratava a questão: ele não sabia se era argelino ou francês, menino ou menina.

No registro do imaginário, Rassist considera que haveria um *a posteriori* do estádio do espelho como segundo advento do processo de identificação. Não seria um segundo tempo que viria fundar o primeiro, mas um segundo tempo que denomina de processo de apropriação. Segundo o autor, Lacan preferiu chamar, posteriormente, o estádio do espelho de fase do espelho por se tratar de um momento mais lógico do que cronológico. A experiência do estádio do espelho foi introduzida por Wallon. É o momento em que a criança, por volta do sexto mês de vida, ao ser posta frente a um espelho, reconhece a si própria e é reconhecida pela mãe. Essa experiência que Lacan vai chamar de trabalho jubilatório corresponde à constituição do eu enquanto imaginário e especular. O mundo vai organizar-se em função desse corpo delimitado pela pele, que define um interior e um exterior. Essa idéia é importante para mostrar como a imagem do corpo e o eu (*moi*) são identificáveis, e como o imaginário não corresponde à imaginação, mas tem a consistência da realidade. É interessante observar que, mesmo não tendo controle motor nem, muito menos, o domínio sobre a marcha, a criança antecipa o domínio sobre seu corpo, através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem no espelho. No entanto, é a mãe que se encontra sustentando essa imagem pelo olhar e pela voz: *és tu que vês*. A criança vai passar a infância sustentada pelo olhar e a voz da mãe, tanto quanto do pai, já que é uma metáfora.

A puberdade para Rassist pode também ser considerada o só-depois do estádio do espelho. Assim, o adolescente deve apropriar-se do olhar e da voz da mãe que o haviam assegurado de sua existência na fase do espelho. (RASSIAL, 1997b, p. 40). Meninos e meninas darão um encaminhamento diferente ao olhar e à voz. Na menina, a modificação da

silhueta e o aparecimento das regras estão no registro do que se vê; surge, então, a questão da vergonha. Para a menina, assinala Rassial, isso tudo se dá pelo olhar: *o que dou a ver?* Para o menino, é a mudança de voz o traço peculiar. O autor afirma que no menino, por trás dessa voz, há um jogo afetivo, que teria relação com o seduzir. Dessa forma, a mulher seduz dando a ver; o homem, falando. As mulheres queixam-se de que os homens não as vêem; os homens, de que elas estão surdas, de que não entendem nada do que dizem. Pode-se, de antemão, perceber uma falta de entendimento nesse “encontro”.

Portanto, o adolescente deve efetuar um trabalho de reapropriar-se da imagem do corpo tal como foi construída na primeira infância. O que vai garantir essa imagem do corpo não são mais o olhar e a voz da mãe, mas o que verão e dirão os seus pares e, sobretudo, os eventuais parceiros do outro sexo.

Novamente, Rassial (1997b) traz à tona questões ligadas à clínica da psicose. Diz ele:

que não é a questão de saber por que o sujeito quebrou a cara, mas por que ele não quebrou a cara antes. É saber como e por que esse sujeito, no qual as referências tanto imaginárias quanto simbólicas fazem falta, agüentou. Aqui há também no campo simbólico uma validação, já no registro imaginário não há uma validação, mas uma confirmação. O que está em jogo na adolescência é uma confirmação da primeira identificação, uma identificação pré-sexuada. (RASSIAL, 1997b, p. 61, grifo nosso)

A questão da temporalidade na adolescência, para Rassial (1997b), também é relacionada com às categorias propostas por Lacan. Assim, no plano real, a adolescência é uma precipitação: o sujeito não é senhor das mudanças do corpo; só num segundo tempo é que pode integrar esse acontecimento num relato histórico. No plano do vivido, ou seja, do imaginário, é um “isso não passa nunca”. O adolescente não está mais naquela posição da criança que espera: ele quer resultados, respostas. Por colocar em causa o simbólico, o adolescente interroga-se sobre uma divisão do significante, entre o que persiste no tempo e o que está ligado a uma época, devendo apagar-se ou ser rejeitado.

O que se opera não deixa de ter relação com a amnésia infantil. Se a amnésia infantil encontra sua razão no recalque originário e a amnésia histórica, nos recalques secundários, devemos considerar estas operações em seu valor lógico, mais do que em sua ocorrência cronológica: o que se efetua na adolescência não somente obedece ao que é recalque secundário de representações insuportáveis para o eu (moi), mas também vem completar, confortar, validar o impasse fundador do recalque originário, porque ele faz o sujeito entrar numa história possível, remetendo à pré-história (novo estatuto da infância) os traços disto que o produz. (RASSIAL, 1999, p. 210)

É uma nova temporalidade que se abre ao adolescente em que

o futuro muda de sentido, o passado de valor e o presente de qualidade, pois a presença de si para si próprio, mesmo que seja sob a garantia do Outro, não é mais tão segura. Esse tempo é então ordenado por um momento lógico necessário de apropriação do sintoma enquanto sintoma sexual, e é a efetivação desta apropriação que marcará, de certo modo, o fim da adolescência, enquanto período de funcionamento psíquico. (RASSIAL, 1999, p. 211)

Qual seria o final da adolescência? Para o autor, o fim “normal” da adolescência é o recalque de tudo, apoiando-se nessa nova crença no outro sexo. Os estados-limite seriam, então, essa impossibilidade de reconstruir o que se desfigurou dessa pane imaginária do Outro sobre novos nomes-do-pai, reconstruir tudo ao modo do recalçamento. Quanto à crise da adolescência, ele ressalta que

quanto menos haja crise na adolescência, mais o sujeito se tornará um adulto normal, mas menos terá passado por um momento de verdade. E quando ele passa por esse momento de verdade, pode desencadear patologias graves e pesadas, mas ao meu ver desencadeia também uma chance, a chance de não se tornar um adulto normal. (ENTREVISTA..., 1995, p. 98)

3.1 Adolescência e o *a posteriori*

Somos, portanto, algo cambiante e algo permanente. Somos algo essencialmente misterioso. Que seria de cada um de nós sem a memória? É uma memória em grande parte feita de ruído, mas que é essencial. Não é necessário que eu recorde, por exemplo, para ser quem sou, que vivi em Palermo, em Adrogué, em Genebra, ou na Espanha. Ao mesmo tempo, tenho que sentir que não sou o que fui nesses lugares, que sou outro. Este, o problema que nunca poderemos resolver, o problema da identidade cambiante. E talvez a própria palavra “cambiante” seja suficiente. Porque se falamos que algo está cambiando, não estamos dizendo que algo é substituído por outra coisa. Dizemos: “A planta cresce”. Não queremos dizer, com isto, que uma pequena planta deva ser substituída por uma maior. Queremos dizer que essa planta se transforma em outra coisa. Trata-se, pois, da idéia da permanência no fugaz.

Borges

A idéia de nossa pesquisa é eleger a adolescência como tempo e lugar privilegiado de convergência do passado e do futuro, a qual tem como resultado a criação de um novo sentido, sendo este de inteira responsabilidade de quem o produziu. Estamos também nos

referindo à construção de uma história que pode vir a ter um seguimento diferente daquele traçado pelo destino.

Kancyper (1985, p. 535) sustenta que “a adolescência é o momento privilegiado da significação retroativa, do ‘a posteriori’, pois constitui uma nova etapa libidinal, em que se alcança pela primeira vez a identidade genital como fenômeno psicológico e social”. O autor diferencia os conceitos de desenvolvimento e de história na psicanálise: o desenvolvimento não tem nada de histórico e implementa uma temporalidade linear, além de apontar para fases que não marcam, em particular, o indivíduo; em contrapartida, a história aponta para o sujeito na sua singularidade. A história implica o uso da temporalidade com *re*-significação do *a posteriori*, não de um tempo linear, mas de um tempo em rodeios. O analista trabalha com a história do sujeito dentro dessa perspectiva da re-significação.

Gondar (1995), em seu livro *Os tempos de Freud*, mostra que a maneira como o tempo foi focalizado por Freud na psicanálise acabou trazendo uma contribuição para o estudo de um tema fundamental, mas pouco levado em conta por filósofos e cientistas clássicos, por seu caráter ilusório. Segundo a autora, “é possível afirmar que toda filosofia clássica se constrói sobre o modelo da recusa do tempo. Isso significa dizer que a questão filosófica primordial consiste em extrair, daquilo que muda e passa, o que permanece estável”. (GONDAR, 1995, p. 2)

A autora começa sua exposição fazendo uma rápida retrospectiva, através do pensamento de alguns pensadores, mostrando o tempo na sua perspectiva de reversibilidade. Não entraremos nessa discussão; iremos diretamente ao apanhado que ela faz sobre o conceito do tempo como formulado por Freud.

Para a psicanálise, o tempo só é trazido à tona quando o sujeito está em questão. O tempo é implicado, então, como produção do sujeito. “Ao invés de um sujeito dado que poderia perceber o tempo desta ou daquela forma, teremos um sujeito que só se constitui a partir de certos modos de articular o antes e o depois, isto é, a partir de algumas modalidades de organização temporal “* (GONDAR, 1995). Não se trata de um tempo subjetivo, na opinião da autora.

Gondar (1995) chama-nos a atenção para o fato de que, do ponto de vista formal, é preciso reconhecer que Freud não oferece nenhum destaque especial ao tempo; quando falou sobre ele, foi pelo lado negativo: *o inconsciente é atemporal*. Mesmo a noção do *a posteriori*, reconhecida como sua grande contribuição sobre a temporalidade psíquica, é por ele abordada

* Citação contida na introdução do livro. Não especifica página.

de maneira lateral, em textos que privilegiam outras questões. Ainda que Freud não tenha elaborado uma teoria do tempo, este pode ser pensado a partir da teoria freudiana.

Esse é o intuito da autora. Pergunta ela, então:

Não é a finitude uma afirmação básica da psicanálise? Como não considerar, na metapsicologia, o papel fundamental da memória, eixo em torno do qual se constroem os diversos esquemas do aparelho psíquico? E seria possível conceber a repetição, motor da grande reviravolta freudiana em 1920, senão ocorrendo no tempo? (GONDAR, 1995, p. 9-10)

O pensamento de Freud, segundo a autora, não pode ser incluído no quadro da racionalidade clássica. O que ele considera ilusório é a eternidade e não o tempo; a psicanálise, em diversos níveis, denuncia a ilusão do absoluto e afirma a finitude, finitude não só do homem, mas do próprio saber. “É justamente contra uma tal pretensão que a psicanálise se insurge”. (GONDAR, 1995, p. 10). Einstein perseguiu uma fórmula última do Universo, que, do ponto de vista da psicanálise, levaria ao fim do desejo. Não se teria mais o que dizer, nem o que desejar. Essa pretensão da ciência também está presente nos discursos filosóficos. Lacan critica essa mesma pretensão ressaltando que os sistemas filosóficos sonham em juntar a banda macho e a banda fêmea em núpcias plenas, sejam quais forem os modos pelos quais se expressem o masculino e o feminino – matéria e forma, tese e antítese, etc. Freud, ao afirmar a dissimetria sexual, condenou esse casamento ao fracasso. E é possível ver aí incluída a problemática da finitude – e do tempo. Continua a autora: “Admitir a dissimetria sexual é reconhecer que jamais se chega a uma totalização: isso não implica reconhecer que nada permanece idêntico a si mesmo, que tudo passa, transforma-se ou perde-se?”. (GONDAR, 1995, p. 10). Tal questão remete-nos ao nosso tema.

Normalmente, vinculamos a adolescência a uma passagem, que indica mudança de lugar, mas que também se encontra relacionada ao tempo. Freud nos fala que a adolescência é o momento da revivescência edípica. Que podemos pensar que seja essa revivescência edípica? O Édipo é revisitado por esse momento e traz de volta todo o conflito existente na questão da sexualidade e do lugar que o adolescente ocupa frente aos pais. Como assinala Kancyper (1985), na citação que se encontra no início desta exposição, esse é o momento de assumir a identidade genital como fenômeno psicológico e social. Isso implica uma tomada de posição do sujeito frente ao seu desejo. O adolescente deve “matar a criança maravilhosa dos pais”, como diz Leclair (1977, p. 12). É o momento em que o projeto narcísico construído pelos pais e dirigido aos filhos é ameaçado por um sujeito que começa a falar por ele mesmo;

que não acredita mais nas promessas de felicidade e vida eterna, nem do encontro harmonioso.

Encontrar subterfúgios para tamponar esse processo de desilusão, que a angústia acompanha, é o que vemos na clínica através da drogadição, do suicídio, da anorexia e da bulimia. É como se o adolescente tivesse pressa de viver ou de morrer. Tudo é vivido muito intensamente nesse momento: até os sintomas são marcantes na adolescência. Encontramos, freqüentemente, uma tendência a agir.

3.2 Tempo de *re*-significação

O futuro não é mais como antigamente.

Renato Russo

Descrever o tempo nessa dimensão de vivência, dessa urgência pela qual o adolescente se apresenta na sua conduta é direcionar nosso olhar para a fenomenologia. A psicanálise tem uma outra posição a esse respeito.

Gondar (1995) diferencia o que se encontra implicado em cada uma dessas duas perspectivas.

Para a fenomenologia, consciência e psiquismo devem ser entendidos como sinônimos, já que é a sede de uma pluralidade de operações: perceber, imaginar, recordar. Assim como a consciência é capaz de sintetizar processos diversos, tais como percepção, imaginação e memória, ela possui igualmente a capacidade de reunir numa única ‘presença’ uma série de momentos distintos. Passado, presente e futuro tornam-se através da consciência um só fluxo do ‘vivido’. [...] A ‘consciência do tempo’ é, para a fenomenologia, o que vem marcar a diferença entre o homem e os animais. (GONDAR, 1995, p. 38)

O homem tem condições de se relacionar com o tempo porque possui consciência: através dela, ele pode aprender com o passado e projetar o futuro. A consciência, que implica a memória, é capaz de estabelecer uma síntese entre momentos descontínuos, entre diversos ‘vividos’, inserindo desse modo o homem numa dimensão histórica. Dessa relação da consciência com o tempo, derivam as noções de tempo vivido e de tempo subjetivo, e que dizem respeito à visão imediata que possuímos de nossa própria temporalidade. (GONDAR, 1995, p. 38-39)

Para a psicanálise, a noção de consciência vai ser descentralizada em prol do inconsciente. O aparelho psíquico é cindido, não comportando mais a idéia de unidade, perdendo também sua função de síntese. A percepção é desvinculada da memória.

Na impossibilidade de uma síntese, a descontinuidade permanece o dado básico, ou seja, todos os processos psíquicos se exercem descontinuamente. A percepção realiza-se por intermitências; o discurso consciente é freqüentemente interrompido por lacunas, através das quais o inconsciente se manifesta. (GONDAR, 1995, p. 39)

Assim, a noção de tempo vivido perde inteiramente o seu sentido no momento em que Freud separa a consciência da memória. Essa cisão torna a consciência incapaz de dar ao homem qualquer sensação de continuidade no tempo: como poderia ela sintetizar uma série de momentos distintos, se não traz qualquer registro? Como poderia ela fazer a história se não guarda nenhum vestígio de acontecimentos passados? Ao desvincular a memória da percepção, Freud sugere que os traços mnêmicos, capazes de construir uma história, não precisam ser necessariamente vivenciais. Nem tudo o que se mantém inconsciente foi vivido ou experimentado por um sujeito. (GONDAR, 1995, p. 40-41)

A autora dá como exemplo as profantaisias e prossegue: "o tempo de que Freud fala não é, portanto, um tempo vivido, mas um conceito, uma idéia abstrata que será formada a partir da descontinuidade do funcionamento do sistema Percepção-Consciência". (1995, p. 40). Para terminar, Gondar (1995, p. 41-42) cita Laplanche quando afirma que "o que está em causa na teoria freudiana do tempo é a percepção de instantes, e não a temporalização do ser humano."

Como poderíamos articular a adolescência a essa temporalidade do inconsciente? Pensamos que a adolescência ganha um destaque privilegiado nesse mecanismo intervalado de funcionamento do psiquismo. Primeiro, porque, ao reativar a questão edípica que foi interrompida pela fase de latência, rompe com a idéia de um tempo linear e, conseqüentemente, de um processo de desenvolvimento. Depois, porque o mecanismo psíquico se estabelece por um processo de estratificação, ou seja, "o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo [...] a uma retranscrição" (MASSON, 1986, p. 208) e, sendo a adolescência um momento importante de maturação orgânica, o que teve apenas uma inscrição, sem significação consciente para a criança, num primeiro momento – pelo inacabamento do próprio corpo em relação à sexualidade – será reinscrito com novos elementos, que não estavam presentes anteriormente. Freud (1977b, v. 1, p. 468-469) diz "que todo adolescente guarda traços de memória que só podem ser compreendidos com a manifestação de suas próprias sensações sexuais." Desse modo, o que não foi integrado anteriormente pelo psiquismo ganha um sentido e uma

reinscrição na história do sujeito. Vale ressaltar que não foi integrado, mas foi inscrito de alguma maneira.

É importante esclarecer que estamos utilizando o modelo do *a posteriori*, tal como posto no caso Emma, ou seja, articulado à adolescência, mas sem perder de vista sua evolução conceitual. Como Freud ainda não concebia a existência da sexualidade infantil nessa época, o sentido da segunda cena só foi possível para Emma por causa da puberdade. Com a descoberta do complexo de Édipo e da sexualidade infantil, a adolescência foi situada como momento da revivescência edípica. Ela reaparece nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”(1905) sendo revisitada pelo Édipo; portanto, correspondendo a um segundo tempo, tempo de reinscrição do que foi dado na infância.

O modelo do trauma posto no “Projeto” (1985) e levado até os “Estudos sobre a histeria”(1986) sustentava que o trauma psíquico está relacionado às lembranças de alguma situação que ocorreu num tempo anterior, mas que não têm força suficiente para fazer emergir o sintoma. Era preciso um segundo momento para causar um efeito. Gondar (1995) enfatiza que a noção de *Nachträglich* não perde seu valor operatório com o abandono da teoria do trauma. Freud (apud GONDAR, 1995, p. 55) já havia feito uma correspondência entre a teoria do recalque e o modelo do trauma, chegando a expressar, no caso Emma, que “sempre se comprova que a lembrança fica recalçada apenas quando se torna um trauma por *Nachträglichkeit*”. “Ou seja, o trauma só surge como tal ao ser evocado por uma segunda representação, assim como o recalque só se revela no retorno do recalçado”.

Dessa forma, mesmo após a descoberta da fantasia, Freud utiliza a noção de *Nachträglich* para explicar, no caso do “Homem dos Lobos” (1917), o sonho ocorrido aos quatro anos e que possibilitou a reconstrução de uma cena passada quando tinha um ano e meio. Nesse momento, o conceito do *a posteriori* era visto como tendo um efeito retroativo. Gondar (1995) diz que as versões francesas e inglesas da obra freudiana (incluindo a brasileira) traduzem a palavra *Nachträglich* segundo a concepção de temporalidade psíquica defendida por cada escola. A versão francesa, por exemplo, opta por *après-coup*, próximo ao nosso *a posteriori*, sugerindo que o sentido do passado é dado retrospectivamente, a partir do presente. A escola inglesa traduz a forma substantivada *Nachträglichkeit* por *deferred action*, que no português corresponde a “ação retardada ou preterida”. A última expressa uma determinação linear do passado sobre o presente, ou, que o sentido do presente já foi dado ano passado.

às zonas erógenas; é fato que um tal desenvolvimento comporta freqüentemente fixações e regressões, porém essas são tidas como emperramentos de um programa que, em condições normais, deveria seguir o seu curso. [...] A escola francesa, em contrapartida, despreza qualquer idéia de linearidade em sua concepção da temporalidade psíquica. A ênfase não incide sobre as sucessivas etapas de desenvolvimento, mas no modo como são reorganizadas retrospectivamente as posições já tomadas. Assim, se os ingleses defendem a hipótese de uma temporalidade processual, isto é, de uma permanente mudança no tempo, os franceses privilegiam os momentos críticos, as cristalizações capazes de, num varrido, reordenar todas as contingências anteriores. (GONDAR, 1995, p. 46-47)

Não resta dúvidas de que a adolescência é um tempo de crise: as transformações sofridas pelo corpo não são apreendidas, concomitantemente, pelo psiquismo. É sempre num segundo tempo que o sentido se dá. Ao mesmo tempo em que os investimentos libidinais são deslocados das figuras dos pais para outras fora do âmbito familiar, o adolescente é tomado, passivamente, por transformações no seu próprio corpo que demandam significação.

Assim, concordamos com os autores que concebem a adolescência como momento de ruptura, não no sentido dos novos rearranjos virem substituir os velhos. Mas, em que o velho e o novo se encontrem numa dialética de produção de sentido. A revivescência do Édipo fala de uma volta do passado e, ao mesmo tempo, traz consigo algo de novo; todavia esse novo é peculiar a cada adolescente. O passado ganha uma fluidez que poderá modificar o que o destino traçou. A abertura que o Édipo oferece nesse momento não deverá ser mais aquela de encarnar o desejo onipotente dos pais (eu-ideal), mas de assumir que somos seres de falta e mortais.

Sabemos que o *a posteriori* não é um mecanismo psíquico exclusivo da adolescência; ele fala do funcionamento do psiquismo de maneira geral. Elegemos, no entanto, a adolescência como um dos pólos desse funcionamento porque preenche os requisitos do caráter bifásico da sexualidade. É o momento da revivescência edípica, intervalado pelo período de latência; portanto, pode ser visto como modelo paradigmático desse funcionamento, dando-nos a possibilidade de pensar a adolescência como conceito psicanalítico.

CONCLUSÃO

No início do nosso trabalho, observamos que a adolescência tem sido apontada como modelo de comportamento tanto dentro da família, pelas atitudes tomadas pelos pais ao se identificarem com os filhos adolescentes, quanto para identificá-la com a modernidade. Ambas as situações nos remete-nos ao declínio da função paterna. A ausência de modelos que possibilitem a formação de um ideal do eu nos moldes como é dado na saída do Édipo, em que a função do pai exerce um papel preponderante na estruturação psíquica, vem afetando a adolescência e suas novas formas de manifestações sintomáticas.

O que temos verificado, ao longo dos tempos, é um aumento no intervalo, em termos de idade, do que chamamos de adolescência. De um lado, temos uma exigência feita pela sociedade, ao jovem, para que assuma uma posição produtiva, o mais precocemente possível, diante de um mercado de trabalho altamente competitivo e, por outro, a falta de dispositivos para fazer essa passagem reforçada pela crise com a qual vem sofrendo a família moderna. Refirimo-nos à crise da família pensando nas transformações por que esta vem passando através de suas novas configurações, por exemplo, casamentos homossexuais, produções independentes; enfim, mudanças nos papéis desempenhados entre homens e mulheres na família.

Ainda não existe, a respeito da adolescência, uma vasta literatura psicanalítica, nem foi nosso intuito fazermos um levantamento bibliográfico. Deixamos de lado importantes autores, como Winnicott e Fraçoise Dolto, que tratam do tema, mas não oferecem uma leitura metapsicológica acerca do assunto. Suas contribuições estão mais direcionadas para uma teoria da clínica. Nosso interesse foi possibilitar uma leitura pelo viés da teoria utilizando conceitos da obra freudiana, acompanhando os avanços dos seus seguidores. Diante disso, escolhemos trazer as contribuições dadas por Lacan que, diferente de uma concepção mais imaginária do Édipo freudiano, explorada por Melanie Klein, oferece uma perspectiva simbólica, trabalhando a noção da falta de objeto, mas, como Freud, não contempla a adolescência; além de que, a via do simbólico se presta melhor para explicar o mecanismo do *a posteriori* destacado, aqui, por nós. Para falar da adolescência, trouxemos o pensamento de Rassial (1997) que, além de situá-la numa perspectiva metapsicológica, possibilitou operacionalizar nossa proposta de tomá-la como tempo de *re*-significação edípica.

Comentamos que, enquanto fase de desenvolvimento, ela já foi descrita por diversos campos do saber. Nosso intuito foi apresentar-lhe uma possibilidade de ser pensada enquanto teoria para a psicanálise. Neste sentido, tomamos, da mesma maneira que Rassial (1997), a

adolescência como uma operação que pode ter atuação em diversos momentos da vida. Assim, pode ser tanto encontrada, mais tarde, na vida adulta, quanto antecipada para a infância, naqueles casos de crianças que perdem os pais precocemente.

O que encontramos ressoando do pensamento de Rastall que vem corroborar a nossa proposta de tomar a adolescência como um lugar de repetição do Édipo, através de manifestações sintomáticas, ou de sua re-significação, dando um novo encaminhamento ao desejo antes investido nos pais?

Até a edição de 1922 dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1977, v. 7) apontava como diferença entre a organização sexual infantil e a adulta, a combinação das pulsões parciais sobre a primazia do genital; ou seja, a pulsão estaria, a partir daí, a serviço da reprodução.

Em “A organização genital infantil, Freud (1977o, v. 19) observa que não se pode marcar a diferença entre a sexualidade infantil e a adulta tomando como referência a primazia do genital, mas a primazia do falo.” É partindo desse ponto que Lacan empreende sua releitura não apenas do Édipo, mas também, de toda a teoria psicanalítica.

Freud (1977p, v. 19, p. 217) em “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), afirma que “o complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, efetua-se sua dissolução, ele sucumbe ao recalque e é seguido pelo período de latência”. Freud (1977p, v. 19, p. 218) atribui à dissolução do complexo tanto motivos ontogenéticos como filogenéticos, e acrescenta: “Não obstante, continua a ser interessante acompanhar como esse programa inato é executado e de que maneira nocividades acidentais extrapolam sua disposição”.

É pela via da castração que meninos e meninas abrirão mão dos objetos parentais. No caso do menino, o temor da castração fará tomar o caminho a favor do seu narcisismo; enquanto que a menina procurará compensar sua falta através do desejo de ter um bebê.

Freud (1977, v.19) coloca que os investimentos objetivos são abandonados e substituídos por identificações. Lacan (1999, p. 201) referindo-se ao terceiro tempo do Édipo, diz: “É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu”. Isto não significa dizer que o menino exercerá seus poderes sexuais. Ele terá, pelo contrário, que se submeter à lei do incesto, que também remete a uma promessa.

Sabemos que o período que se sucede ao declínio do Édipo é a fase da latência. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1977, v. 7) diz que é o momento em que a criança constrói a barreira contra o incesto. É o tempo em que ela se volta para o entendimento do que está ao seu redor. Os interesses desse momento encontram-se dirigidos

para o conhecimento. Aparecem grupos de meninos isolados dos das meninas, parecendo desconhecer uns aos outros.

O que acontece na adolescência? Freud (1977, v. 7, p. 242) afirma que

no tocante à escolha de objeto, verificamos que ela recebe sua direção das sugestões da infância (revividas na puberdade) da inclinação sexual da criança com relação aos pais e a outros que cuidam dela, mas que é desviada deles para outras pessoas que a eles se assemelham, devido à barreira contra o incesto que entrementes foi construída.

Para Lacan (1999, p. 201),

se o que Freud articulou tem algum sentido, a criança detém consigo todas as condições de se servir delas no futuro. A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde.

O que venha a acontecer na puberdade, com relação à identificação metafórica, deve ser relacionado a algum problema que possa ter ocorrido num dos três tempos do Édipo.

A relevância das contribuições trazidas por Rassial (1997) diz respeito à importância que concede à adolescência para a teoria psicanalítica. O adolescente sofre o que Rassial (1997) chamou de desqualificação imaginária do Outro. Ou seja, o pai, ou quem quer que esteja ocupando tal lugar, vai declinar da função paterna. O novo encaminhamento que se dará ao Édipo é a saída das encarnações feitas anteriormente da família para o laço social. O que isso quer dizer? Trata-se de o adolescente ir em busca de novos nomes-do-pai para ancorar sua falta. Ou seja, todos esses caminhos que os adolescentes tomam, sejam através do esporte, da arte, de uma atividade que lhe dê profissão, etc, são novos rearranjos do Édipo não mais dirigidos à família, mas para o laço social. São esses novos investimentos que darão ao adolescente um lugar na sociedade, em que possa falar em nome próprio e assumir uma posição singular no cenário social.

Considerando o que Freud e Lacan concebem como reativação do Édipo na puberdade somado à ênfase que Rassial (1997) outorga à passagem do adolescente da família ao laço social, o grande salto que deverá ser dado por este reside na mudança dos amores incestuosos para outros fora do âmbito familiar e na conquista de um lugar na sociedade. Por

que não chamarmos isso de *re-significação* edípica? É um novo sentido que vai ser dado ao Édipo. Isso quer dizer, também, que o adolescente deverá começar a se responsabilizar por seus atos. Nem tudo pode ser mais respondido apenas pelo pai. Por outro lado, aqueles que não conseguem ultrapassar a adolescência repetirão sua vivência edípica transformando a adolescência num sintoma. Nesse caso, teríamos apenas a revivescência edípica, sem a mudança de posição do sujeito nem dentro da família, nem fora dela.

Levantamos, também, neste trabalho, a hipótese da adolescência, enquanto segundo tempo do Édipo, poder dar um curso diferente ao que o destino do Édipo, na infância, traçou. Freud, em muitos momentos da obra, refere-se à importância de fatores constitucionais e acidentais participando na determinação dos processos psíquicos. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1977, v. 7, p. 247) assinala:

Não é fácil calcular a eficácia relativa dos fatores constitucionais e acidentais. Em teoria, há sempre inclinação para se superestimar os primeiros; a prática terapêutica dá ênfase à importância dos últimos. [...] O fator constitucional deve esperar as experiências antes de fazer-se sentir; o fator acidental deve ter uma base constitucional a fim de entrar em funcionamento.

Não poderíamos tomar o Édipo na infância como fator que vem sugerir uma estrutura e a adolescência, como um dos momentos de sua verificação, tendo em vista o terreno propício que a última oferece como lugar de manifestações patológicas as mais diversas? Esta foi a nossa proposição quando tentamos articular os dois tempos do Édipo com o mecanismo do *a posteriori*. Ou seja, consideramos a adolescência tanto como um bom quanto um mau encontro, no sentido de que algum acontecimento fortuito poder exercer alguma influência nas marcas do destino.

Em termos metapsicológicos, o Édipo, quando revisitado na adolescência, não reaparece nos mesmos moldes de como é dado na infância. Isto porque, para o psiquismo, por mais que haja repetição do inconsciente, nada é reproduzido de forma idêntica – *os traços de memória estão sujeitos, de tempos em tempos, a um rearranjo, a uma retranscrição*, lembrando o que Freud (1977c, v. 1) falou na carta 52. A intenção pode ser esta, mas o resultado é sempre diferente. No caso da adolescência, há novos elementos que não estavam presentes no primeiro tempo (quando criança). Referimo-nos às transformações da puberdade e as exigências do social para que o jovem comece a responder por si próprio.

Retomando o que falamos da modernidade, o que poderíamos pensar como sendo uma das razões que faz alguns autores a identificarem com a adolescência? Não poderíamos encontrar, em comum, esse mesmo processo de desqualificação imaginária do Outro, esta falta de modelos com que se identificar? Isto só reforça nosso olhar para a adolescência como um lugar que tem suas especificidades e que pode ajudar, em alguns momentos, no entendimento de certas questões. Relacioná-la, apenas, à última etapa da sexualidade, conforme defendida por alguns autores, é deixá-la presa à questão da genitalização. Fazê-la funcionar como tempo de *re*-significação edípica é transformá-la em um conceito que exerce uma função de operação psíquica, no sentido de mudança de lugar dentro e fora da família.

Portanto, falar de crise na modernidade é remeter a essas questões relacionadas à falência da função paterna que encontramos operando na adolescência como fator de risco, mas também, estruturante para se fazer a passagem adolescente. Trata-se de um tempo de tensão entre o luto desses pais da infância e a construção de novas ilusões porque, segundo Rassial (1999), é graças ao recalque do que se passou na adolescência que se pode construir novas ilusões de encontro com o objeto. Daí, pensarmos a adolescência como uma encruzilhada em que se pode ultrapassar, ou ficar preso no imaginário da infância.

É interessante dizer que o encontro amoroso, como forma de preencher esse vazio deixado pela decepção com que se depara o adolescente por descobrir que seus pais são pessoas comuns, não preencheria esse vazio porque não há complementariedade entre os sexos. A saída seria a do laço social, na medida em que pode lhe outorgar um lugar de onde falar. Ser reconhecido pelos semelhantes na sua singularidade e não mais apelando para os pais encarnados pelo Édipo.

Para finalizar, reconhecemos neste nosso trabalho um primeiro olhar sobre a adolescência. No entanto, fizemos o que foi possível neste momento. Talvez, citando Rassial (1997), pudéssemos dizer que esta pesquisa foi, para nós, uma “primeira inscrição” acerca do tema, que sua “validação” só pode ser verificada num segundo tempo, tempo de sua *re*-significação.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CAHN, R. *O adolescente na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHEMAMA, R. (Org.). *Dicionário de Psicanálise*: Larousse. Tradução Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES: O adolescente e a modernidade, 1999, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Escola Lacaniana de Psicanálise, 1999. 206 p.
- CORRÊA, A. I. (Org.) *Mais tarde... é agora!:* ensaios sobre a adolescência. Salvador: Álgama, 1996. (Coleção psicanálise da criança, v. 1, n. 8).
- DANTAS, N. M. *Édipo: entre um objeto e Outro*. 1993. Monografia (Especialização em Psicanálise) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Mimeografado.
- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1989.
- ENTREVISTA com Jean-Jacques Rassial. *Adolescência*, ano 5, n. 11, p. 86-100, nov. 1995.
- FORRESTER, J. *Seduções da psicanálise*. Tradução de Marcos S. Nobre. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- FREUD, S. Histeria. Evolução da histeria (1888). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977a. v. 1, p. 77-102.
- _____. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977b. v. 1, , p. 381-517.
- _____. Carta 52. Estratificação dos traços de memória (1950 [1896]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977c. v. 1, p. 317-324.
- _____. Rascunho K (1950 [1892-1899]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977d. v. 1, p. 299-310.

_____. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 2, p. 13-367.

_____. Hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977e. v. 3, p. 163-179.

_____. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977f. v. 3, p. 183-211.

_____. A etiologia da histeria (1896). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977g. v. 3, p. 217-249.

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977h. v. 3, p. 287-312.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 4, p. 1-360.

_____. _____. In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 5, p. 361-725.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 7, p. 1-327.

_____. Romances familiares (1909). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977i. v. 9, p. 241-247.

_____. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977j. v. 9, p. 211-228.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 11, p. 148-157.

_____. A dinâmica da transferência (1912). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12, p. 131-143.

_____. A história do movimento psicanalítico (1914). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 14, p. 13-82.

_____. Conferência XXI (1917 [1916-1917]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 16, p. 375-395.

_____. Uma criança é espancada (1919). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 17, p. 223-253.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher (1920). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977k. v. 18, p. 183-212.

_____. Psicologia de grupo e análise do eu (1921). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977l. v. 18, p. 89-179.

_____. Dois verbetes de enciclopédia. O começo difásico do desenvolvimento sexual (1923[1922]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977m. v. 18, p. 285-312.

_____. O ego e o Id (1923). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977n. v. 19, p. 13-83.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977o. v. 19, p. 177-184.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977p. v. 19, p. 215-224.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977q. v. 19, p. 303-320.

_____. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 20, p. 13-92

_____. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977r. v. 21, p. 75-171.

_____. A sexualidade feminina (1931). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977s. v. 21, p. 257-279.

_____. A feminilidade (1931). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 22, p. 139-165.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: EDIÇÃO *standard* das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.23, p. 241-287.

GARCIA-ROSA, L. A. *Acaso e repetição*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1986.

GONDAR, J. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

GURFINKEL, A. E. C.; PENNACCHI, R. F. S. A adolescência e o pai: Sigmund Freud adolescente e a adolescência em Freud. In: RAPPAPORT, C. R. (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1993a. p. 99-116.

_____. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1993b. p. 25-57.

KANCYPER, L. Adolescencia y a posteriori, Argentina. *Rev. de Psicoanálisis*, v. 42, n. 3, p. 535-546, 1985.

_____. *Confrontação de gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KATZ, C. S. A questão sobre o tempo e/ou o tempo em questão. In: KATZ, C. S. (Org.). *Temporalidade e psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-40.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1996.

KEHL, M. R. Existe uma função fraterna? In: KEHL, M. R. (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000a. p. 31-47.

_____. A fratria órfã. In: KEHL, M. R. (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000b. p. 207-244.

LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud: seminário 1*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1986.

_____. *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

_____. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1988.

_____. *A relação de objeto: seminário 4*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1995.

_____. *As formações do inconsciente: seminário 5*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1988.

LECRAIRE, Serge. *Mata-se uma criança*. Tradução de Anamaria Skinner Styzei. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MASSON, J. M. *Correspondência completa de Freud a Fliess*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RASSIAL, J. J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Tradução de Francine A. H. Roche. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997a.

_____. A adolescência como conceito da teoria psicanalítica. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997b. p. 45-72.

_____. *O adolescente e o psicanalista*. Tradução de Lêda Mariza F. Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1998.

TANIS, B. *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.